



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

CURSO DE JORNALISMO

ANALU MORAIS SARAIVA FIUZA

**JORNALISMO ESPORTIVO E A NARRATIVA DE CONSTRUÇÃO DE
HERÓI: O personagem Neymar na Copa das Confederações 2013**

FORTALEZA

2015

ANALU MORAIS SARAIVA FIUZA

JORNALISMO ESPORTIVO E A NARRATIVA DE CONSTRUÇÃO DE
HERÓI: O personagem Neymar na Copa das Confederações 2013

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo do Instituto de Cultura e
Arte da Universidade Federal do
Ceará como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo. Orientação: Prof. Dr.
Daniel Dantas Lemos

FORTALEZA

2015

ANALU MORAIS SARAIVA FIUZA

JORNALISMO ESPORTIVO E A NARRATIVA DE CONSTRUÇÃO DE
HERÓI: O personagem Neymar na Copa das Confederações 2013

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em: ___/___/____.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Dr. Daniel Dantas Lemos (Orientador)

Universidade Federal do Ceará

Prof. Ms. Maria Gislene Carvalho Fonseca (Membro)

Universidade Federal de Minas Gerais

Especialista Ana Isabel Freire Monteiro dos Santos Marinho (Membro)

Faculdade Santo Agostinho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca de Ciências Humanas

F585j

Fiuza, Analu Moraes Saraiva.

Jornalismo esportivo e a narrativa de construção de herói: o personagem Neymar na copa das confederações 2013. / Analu Moraes Saraiva Fiuza. – 2015.

74 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso Comunicação Social - Jornalismo, Fortaleza, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Daniel Dantas Lemos.

1. Heróis na comunicação de massa 2. Comunicação de massa e opinião pública. 3. Jornalismo - Objetividade. 4. Futebol – Aspectos sociais. I. Título.

CDD 070.4

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, devo agradecer imensamente ao meu Deus, por ser sempre meu porto-seguro, por estar sempre de mãos dadas comigo, por iluminar sempre a minha mente e por me guiar pelo melhor caminho. Obrigada, Senhor, por toda força nos momentos de derrota, pela luz nos momentos de desespero, pela paz nos momentos de agústia. Agradeço à minha querida e amada avó, Maria Verônica, que nos deixou em 2014, mas que se faz sempre presente em minha vida, auxiliando-me. Obrigada, vó, por ter acreditado em mim e por tanto incentivo.

Agradeço do fundo do meu coração aos meus pais, Kléber e Aline, por me proporcionarem tanto amor, educação, sabedoria, respeito, caridade e caráter, por todas as lições que vocês me ensinaram e, especialmente, pela insistência. Quero agradecer também ao meu namorado, Anderson, por toda paciência nos meus momentos de estresse, por não me deixar desistir, por tanto amor e confiança, mesmo na distância, por ouvir as minhas preocupações e por torcer sempre, até mais do que eu.

Ao meu orientador e querido amigo, Daniel Dantas Lemos, meu muito obrigada. Sem suas palavras, nada disso teria sido possível. Obrigada pelo grande incentivo, pelas lições, pelas críticas e observações. À você, meu apreço e respeito. Que Deus ilumine sempre a sua caminhada.

Agraço também aos meus amigos pela preocupação, pela força, incentivo, lealdade e carões. Obrigada por terem escutado as minhas lástimas e angústias, pelos conselhos e por tanto carinho. Obrigada por tanta fé depositava em mim.

“Se em algum lugar pulsa o coração da história contemporânea não é nos arquivos silenciosos das bibliotecas, mas no barulho das redações, porque o jornalista é o historiador natural da atualidade”

Pierre Nora

RESUMO

O futebol é visto hoje como um esporte espetacularizado e atrai a atenção de diversos brasileiros, sejam aqueles que assistem e/ou praticam. Porém o futebol não se sustentaria por muito tempo se tantos ídolos-heróis não surgissem com tanta frequência nos gramados brasileiros. A mídia se mostra presente justamente ao buscar reproduzir tantas histórias diferentes, abordando as raízes e o começo da vida de cada atleta, mas também se faz presente ao criar narrativas que abordam jogadores como heróis, protagonistas, ídolos, etc. É justamente isso que o presente estudo aborda: a construção do personagem Neymar feito pelo *Globoesporte.com* durante a Copa das Confederações 2013, relacionando aos conceitos de heroísmo (Campbell, 1997), ídolo-herói (Helal, 2013), sociedade do espetáculo (Debord, 1994) à luz da metodologia utilizada por Motta (2005), a narratologia.

Palavras-chave: Herói; Copa das Confederações; Neymar; personagem

ABSTRACT

Today, football is seen as a spectacular sport and it attracts the attention of many Brazilians, either the ones who are watching or the ones who are playing. However, football would not sustain itself if not so many idols-heroes arise so often on Brazilians' football fields. The media shows its presence when it looks for reproduce so many different stories, approaching the beginning of each player's life and culture roots, and also when it creates narratives that approach players as heroes, main characters, idols etc. It is precisely this that this work approaches: the construction of the character Neymar made by Globoesporte.com during the Confederations Cup 2013, connecting it to the concepts of heroism (Campbell, 1997), idol-hero (Helal, 2013), spectacle society (Debord, 1994) in consideration of the methodology used by Motta (2005), the narratology.

Key-words: Hero, Confederations Cup, Neymar, character

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O herói do espetáculo	-
11	
2 A ANÁLISE DA NARRATIVA	20
3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	31
3.1 A “estrela” da Seleção	31
3.2 Futebol no Brasil	33
4 ANÁLISES	41
4.1 Copa das Confederações	41
4.2 A saga do espetáculo de 2013	43
4.3 A análise	47
4.3.1 1º Movimento	50
4.3.2 3º Movimento	53
4.3.3 4º Movimento	61

CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ **67**

REFERÊNCIAS _____ **69**

Introdução

Futebol: um espetáculo do meio esportivo, que encontrou nos veículos de comunicação de massa a oportunidade de se transformar na paixão nacional. É capaz de despertar nas pessoas sentimentos múltiplos e únicos, como a emoção, alegria, tristeza, superação, etc. Porém, mesmo um espetáculo tão grandioso, que carrega consigo a semelhança aos combates atléticos da antiga Grécia, não existiria sozinho. Aqueles que auxiliam na construção do futebol é que o fazem existir, como os jogadores. Como diz Helal (1999), o espetáculo não conseguiria se manter sem a presença de suas “estrelas”, aqueles que se tornam ídolos-heróis de seus torcedores.

Acompanhando o calendário do esporte, é possível perceber o nascimento desses ídolos-heróis, seja durante os campeonatos estaduais, nacionais ou regionais. São eles que fazem o espetáculo do futebol acontecer, e encontram nesse campo, a oportunidade de deixar seus nomes marcados na história e na memória popular.

Observando o mundo futebol, identificou-se que, além do espetáculo em si, a mídia se interessava também em focar seu trabalho na vida desses jogadores, auxiliando no processo de construção de imagem de cada um deles, que ganhavam destaque em seus clubes, como aconteceu com Zico, Romário, Ronaldo e, mais recentemente, com Neymar. O garoto vinha se destacando dentro do Santos Futebol Clube mesmo com a pouca idade, e, conseqüentemente, foi ganhando seu espaço na mídia nacional. Com diversos títulos alcançados no seu clube, esperava-se desse ídolo-herói que o mesmo papel se cumprisse dentro da Seleção Brasileira. A expectativa da torcida era grande às vésperas da Copa das Confederações 2013.

Foi acompanhando a cobertura do portal esportivo *Globoesporte.com* nos meses que antecederam a referida Copa que observou-se a criação de narrativas que abordavam Neymar como o centro da história. A partir de estudos relacionados à análise da narrativa jornalística, desenvolvida por Motta (2005), e à construção de personagens de jogadores de futebol na mídia, feitos por Helal (1998) e por Freire (2011), atentou-se para o fato de tentar identificar tais aspectos de heroísmo e de construção de imagem nas narrativas que foram escritas pelo *Globoesporte.com* sobre Neymar durante a Copa das Confederações de 2013.

O presente trabalho pretende contribuir com estudos de análise da narrativa jornalística e de Comunicação e Esporte ao analisar como se deu o processo de construção do personagem Neymar e quais estratégias foram utilizadas pelo *Globoesporte.com* em suas narrativas para alcançar tal feito. Além disso, o estudo também será útil e norteador para a pesquisadora, que pretende aprofundar seus conhecimentos relativos ao envolvimento da mídia, do esporte e da sociedade. Com isso, os objetivos do trabalho estão relacionados a compreender as estratégias que foram utilizadas pelo portal para criar o personagem Neymar e analisar como jogador aparece nas narrativas entre 15 de junho e 1º de julho

Para responder a questão de como foi construída a imagem do jogador Neymar na Copa das Confederações 2013, o primeiro capítulo trabalha conceitos que são importantes para o desenvolvimento do estudo, como herói, desenvolvido por Joseph Campbell (1997), sociedade do espetáculo, de Guy Debord (1994), relacionando à espetacularização do futebol; ídolos, abordado por Giglio (2007) e por Mortato, Giglio & Gomes (2011) e ídolo-herói, visto por Helal (2003).

A importância desses conceitos utilizados no trabalho se dá, justamente, pelas questões da espetacularização do futebol, mantido por “estrelas do espetáculo”, o que envolve diretamente os ídolos e principalmente os heróis, que ganham destaque na mídia, explorando suas raízes e formas de vida.

No segundo capítulo, serão esclarecidos os métodos indicados por Motta (2005) na análise da narrativa jornalística, abordando desde questões mais iniciais, como o conceito de narrativa, além dos esclarecimentos acerca do estudo da personagem nas narrativas e dos movimentos indicados para a identificação das personagens, das estratégias e da intriga.

Já no terceiro capítulo o leitor poderá encontrar os procedimentos de análise sendo colocados em prática, identificando a questão que envolve a análise da narrativa, como o futebol no Brasil, e o pano de fundo, como a Copa das Confederações. Além disso, no terceiro capítulo é abordado o personagem Neymar que será estudado junto com as narrativas, a metodologia utilizada para selecionar as matérias e as narrativas que foram analisadas.

O capítulo quatro concentra a análise feita pela pesquisadora à partir de cinco crônicas e dez matérias relacionadas à participação de Neymar nos jogos, suas conquistas e gols. É nesse capítulo que os conflitos são identificados, tendo a intriga recomposta, a identificação do personagem, utilizando as características indicadas por Motta (2005), e, finalmente, a identificação das estratégias utilizadas pelo narrador na construção da personagem Neymar na Copa das Confederações 2013.

O presente trabalho busca, além de entender o processo de construção de imagem, relacionar os conceitos apresentados com a identificação do povo brasileiro com o futebol, um esporte que, inicialmente, não era popular no país e que teve seu momento de propagação a partir da aceitação de pessoas negras e operários dentro do campo.

1 O herói do espetáculo

O presente estudo levanta um questionamento sobre a cobertura feita na Copa das Confederações 2013 pelo *Globoesporte.com*: como foi construída a imagem de Neymar durante a campanha da Seleção Brasileira na Copa de 2013? Primeiramente, faz-se necessária a compreensão dos conceitos utilizados neste trabalho.

Como já abordaram Campbell (1997) e Morin (1980), as celebridades e os heróis não podem ser encarados da mesma forma. No mundo do estrelato, ídolos do esporte e ídolos da dramaturgia podem, facilmente, serem vistos como celebridades. Porém, quando se fala de herói, as características deste são encontradas com maior frequência nos ídolos esportivos (HELAL, 2003).

De acordo com Helal (2003), a diferenciação está, justamente, na maneira como as celebridades e os heróis seguem suas trajetórias: enquanto aqueles vivem apenas para si, o herói vive com o objetivo de trazer a glória para o seu povo.

Helal (2003) também aborda que a explicação para essa maior identificação de características de herói “reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. A competição é inerente ao próprio espetáculo”. O ideal, a cultura, os “personagens” e a dinâmica envolvidos no universo do futebol aproximam-se bastante de características encontradas nas histórias de herói. O sucesso de um depende da derrota do outro. Essa é a disputa que faz parte do espetáculo, que, por sua vez, está inserido dentro da vida da sociedade moderna.

Estes ídolos-heróis são personagens essenciais para o acontecimento destes eventos de massa. São eles que representam a comunidade e que conseguem passar por obstáculos insuperáveis. Desta forma, o estilo de vida dos ídolos-heróis atrai a atenção da sociedade, auxiliando na identificação entre público e jogador (HELAL, 1998, p. 6). Isto é algo que está presente na própria história de vida dos jogadores, que, conseqüentemente, aproxima-se das vivências do público.

Mas para que haja a identificação por parte da sociedade, é necessário que essas histórias dos ídolos-heróis sejam contadas por alguém, expondo, assim, as características que permitem maior aproximação entre público-jogador. Esse é, justamente, o papel que a mídia cumpre para a manutenção do espetáculo tão lucrativo para ela. Um “fenômeno de massa”, como coloca Helal (2001):

não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de ‘heróis’, ‘estrelas’ e ‘ídolos’. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, freqüentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis (HELAL, 2001, p. 154).

É neste contexto que entra o estudo de Debord (1994) sobre o a espetacularização dos acontecimentos na vida das sociedades modernas. As ações de um determinado autor que tenha o poder de despertar o interesse público tornam-se perfeitos espetáculos e, para o campo da comunicação, nada melhor a ser explorado. Assim, diz Freire (2011, p. 17), as

produções jornalísticas sofrem influências que extrapolam os limites do campo da comunicação. Em muitos casos, interesses políticos, econômicos, mercadológicos, fatores culturais e interesses pessoais se refletem nas notícias e reportagens que repercutem nos jornais, revistas, rádios e TVs, assim como no mundo virtual.

É a partir da necessidade do campo da comunicação de atrair seu público que a vida pública ou privada de determinadas pessoas transformam-se facilmente em “notícias”. Suas ações, por mais corriqueiras que sejam, passam a ser acompanhadas e veiculadas àqueles interessados. Como diz Debord (1994, p.14), o “espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência.”

A paixão intensa e a relação que o brasileiro desenvolveu com o futebol ao longo dos anos o faz sempre querer saber mais e ir mais a fundo. O campo da comunicação encontrou neste jogo um esporte espetacular que poderia ser muito bem explorado, ou seja, a oportunidade de veicular aquele momento cada vez mais. Desta forma, não só o espetáculo estaria envolvido, mas também aqueles que são responsáveis por torná-lo real e verdadeiro: presidentes, diretores, técnicos e, principalmente, jogadores. Desse modo, destaca Freire (2011, p. 18), o

entretenimento, o apelo à diversão, ao lazer e à competição propiciam ao esporte a possibilidade de atrair a atenção do público que deseja saber não somente informações técnicas e resultados de partidas, mas também manifestam a necessidade de conhecer detalhes da vida pessoal daqueles que fazem o jogo acontecer, desejam ver o espetáculo, tanto quanto a mídia deseja divulgá-lo.

Neste universo de espetáculos no qual o futebol está inserido, todo conteúdo é válido de ser veiculado com o intuito de chamar a atenção do público. A mídia conseguiu enxergar seu crescimento na exploração não só do esporte, mas da vida de cada jogador. Conforme Helal (2003, p. 21), o "fato é que a infância simples ajuda na identificação com o homem comum, e o talento inato enquadra-se na ordem das coisas inexplicáveis, fazendo com que os ídolos sejam vistos como seres singulares". O modo de vida de cada um deles passou a ser algo precioso para o campo da comunicação, já que a partir do momento em que suas histórias são contadas, estão conseguindo prender a atenção do público, fazendo surgir, assim, os ídolos-heróis do futebol brasileiro e o culto ao herói (HELAL, 2003). É um jogo de sedução entre espectadores e mídia. É esta característica do "ídolo-herói" que Helal (2003, p. 19) afirma que

acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes "heróis" são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, podemos perceber alguns traços que são frequentemente recorrentes e super enfatizados.

Assim, diz Debord (1994, p. 17), o

espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é "o que aparece é bom, o que é bom aparece". A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência.

Além da identificação com o espetáculo, o universo do futebol também carrega consigo muito da trajetória de construção de um herói, como Campbell (1997).

Conforme aborda Helal (2003), de tantas celebridades exploradas pela mídia, as que mais se assemelham às características marcantes do herói estão contidas no mundo do futebol. Tal fato se deve ao caráter de disputa que há dentro deste esporte: embora haja dois times, um tem que perder para o outro ganhar, não há outra opção. "O

‘sucesso’ de um atleta", afirma Helal (1999, p. 1), "depende do ‘fracasso’ do seu oponente. É uma competição que acontece na ação do espetáculo".

Este aspecto de “vencedor” pertencente ao futebol acaba por estimular nos torcedores o sentimento de torcida e de admiração em relação àqueles que cumprem seus papéis e alcançam o “sucesso”, ou seja, a vitória.

Mas quem é este “herói”? Conforme Campbell (1997) descreve, o herói é um ser que deixa sua vida cotidiana para enfrentar obstáculos insuperáveis aos olhos humanos. Assim, renasce e pode voltar para o seu povo com ensinamentos que aprendeu em sua jornada. O herói, diz Campbell (1997, p. 13),

é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. (...) O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno — aperfeiçoado, não específico e universal —, renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte (...), retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu.

Para sustentar estes eventos de massa, os veículos de comunicação se utilizam de estratégias as quais, em suas narrativas, enfatizam alguns aspectos que facilitam a identificação da sociedade com estes “heróis do espetáculo”.

Além do foco na infância pobre e nas dificuldades no início da carreira em contraposição ao talento - pontos constantemente tocados no discurso que auxiliam na questão do identificar-se das pessoas comuns (HELAL, 2003, p. 21) -, também existe a valorização de características, como a “irreverência”, a “genialidade” e a “malandragem”.

A presença do “malandro”, abordada por DaMatta (1979), como uma vertente tipicamente brasileira influenciou na postura da imprensa do Brasil. A valorização do futebol moleque, do talento natural e da irreverência faz parte do discurso midiático,

como concluiu Helal (2003) em seu artigo que estudava a construção de duas biografias antagônicas: Zico – o “craque de laboratório”¹ – e Romário – o ídolo malandro.

Neymar já foi visto como o ídolo-herói ao conquistar a Libertadores da América pelo Santos Futebol Clube e também causou uma febre entre jovens que se identificaram com o estilo do jogador e adotaram o famoso “corte moicano”.

Na partida final da Taça Libertadores, contra o Peñarol, nesta quarta-feira, o Santos contará com o apoio de um grupo que faz questão de demonstrar sua paixão pelo clube através do visual. Mais especificamente pelo atacante Neymar. São torcedores que adotaram o corte moicano e até mesmo o estilo e os trejeitos do jogador, transformando-se em verdadeiros sócias (GLOBOESPORTE.COM, 2011).

Segundo estudo feito por Freire & Chagas (2012), o portal *Globoesporte.com*, em suas narrativas durante a cobertura da Copa Libertadores da América de 2011, construiu o personagem “herói Neymar”, a quem o site atribuiu principal responsabilidade pelo título do Santos:

e aí vem Arouca, em desabalada carreira. Uma arrancada mágica, uma tabela esperta com Ganso, que passou para Neymar, que, enfim, soltava o grito preso na garganta do torcedor nas arquibancadas. Apenas dois minutos de jogo. Neymar, histórico. Um gol que vai ser lembrado para sempre pelos santistas. O gol que abriu caminho para o tricampeonato. (*Globoesporte.com*, 2011)

Ao abordar a construção do ídolo no futebol, Morato, Giglio & Gomes (2011) avaliam que a diferenciação entre ídolo e herói está, principalmente no tempo em que seus atos acontecem. Para aquele, o tempo de suas ações é o agora, o cotidiano, no qual sua imagem é construída diariamente, ou seja, jogo após jogo, vitória após vitória. Já para o herói, as coisas acontecem de forma diferente. Ele é responsável apenas por um ato, podendo ser reconhecido como tal num menor espaço de tempo. Morato, Giglio & Gomes (2011, p. 2) afirmam que

herói vincula-se ao tempo sagrado, a um evento isolado. (...) Por isso, o ídolo pode assumir papel de herói ao realizar façanhas em momentos importantes, mas um herói pode não se tornar um ídolo, se seu feito não tiver continuidade, não tiver um período duradouro na linha do tempo.

¹ Na época, Zico era visto como “craque de laboratório” devido ao fato de treinar constantemente e de ter acompanhamento para ganhar massa muscular

Na Copa do Mundo de 1962, no Chile, uma contusão no segundo jogo da primeira fase fez com que os brasileiros perdessem um pouco da esperança no título de bicampeão: Pelé, o grande nome que ajudou a levantar a taça quatro anos, havia se machucado aos 28 minutos do primeiro tempo e não poderia mais disputar o torneio. Ao fim daquela Copa, dois nomes importantes se fizeram heróis. Mané Garrincha, “com dribles desconcertantes, irreverência, cruzamentos precisos e chutes poderosos, o ‘gênio das pernas tortas’ encantou os chilenos e foi considerado o melhor jogador do torneio” (UOL, 2014), e Amarildo, que substituiu o ídolo santista em campo e marcou gols importantes, que foram imprescindíveis para o título de 1962.

O “tempo sagrado” contempla, no universo do futebol, justamente as finais de campeonatos e copas. São momentos importantes para os times/seleções, cujos jogadores se prepararam e dedicam seu tempo ao treino para atingir o nível mais próximo da perfeição, com o intuito de sagrar-se campeão. Em situações assim, haverá aquele que se sobressairá aos demais, que será o autor do gol, que trará a glória para seu povo: o herói. São em momentos como estes que os ídolos têm a oportunidade de transformarem-se em heróis. Helal & Murad (1995, *apud* GIGLIO, 2007, p.122) dizem que herói

é quem conseguiu, lutando, ultrapassar os limites possíveis das condições históricas e pessoais de uma forma extraordinária, contendo nessa façanha uma necessária dose de ‘redenção’ e ‘glória’ de um povo. Mas para que sua trajetória heróica alcance este status é necessário que as pessoas acreditem na verdade que as façanhas do herói afirmam. Logo, o mito do herói faz parte de uma relação com os seguidores, os fãs, aqueles que o idolatram. Sem esta relação, este ‘acordo’, o herói não é herói, o que nos leva a concluir, então, que na figura do herói se encontram agrupadas várias representações distintas da coletividade.

Já os ídolos, embora seus feitos alcancem um período duradouro de tempo, terão seus postos substituídos em seus times, por exemplo, com o passar dos anos, mas seu legado continuará sendo lembrado por aqueles que tiveram a oportunidade de vê-los jogar, seja no estádio ou na televisão.

Porém, é importante ressaltar que, em uma partida, o ídolo já é o protagonista antes mesmo da bola rolar (GIGLIO, 2007, p. 123). No caso do herói, só será possível afirmar que ele conseguiu se mitificar após o apito final, pois o que o transforma em

herói é uma situação decisiva da qual ele participe. “Portanto”, para Giglio (2007, p. 123), “a cada evento capaz de mitificar um atleta, um novo herói poderá surgir.”

Ser ídolo ou ser herói faz parte de um movimento contínuo e funciona como um ciclo. A todo momento novos jogadores estão melhorando seu desempenho e trabalhando nas suas carreiras, assim como a mídia está sempre envolvida na veiculação de suas histórias, contribuindo para o aparecimento de novos ídolos e novos heróis. Campbell (1997, p. 5) defende que

é sempre com a mesma história – que muda de forma e não obstante é prodigiosamente constante – que nos deparamos, aliada a uma desafiadora e persistente sugestão de que resta muito mais por ser experimentado do que será possível saber ou contar.

Conforme Freire (2011) aborda, ídolos-heróis como Ronaldo, Romário, Pelé e Zico serão sempre lembrados por suas trajetórias e por suas conquistas em seus diversos clubes e também na Seleção Brasileira. Eles cumpriram, cada um, não só seus papéis de ídolos, mas também de heróis, gravando seu nome em momentos importantes para a história do futebol. Falando sobre o primeiro título mundial de futebol da seleção brasileira, em 1958, Freire (2011, p. 22-23) lembra que sempre é referido o garoto de 17 anos, Pelé:

O título foi apenas a primeira grande conquista do “crioulo”, como chama Nelson Rodrigues em suas crônicas. Edson, ou melhor, Pelé, alcançou o *status* não somente de ídolo nacional, mas mundial. A idolatria produzida em torno da imagem de Pelé foi de tal forma surpreendente que fez com que fosse considerado por muitos críticos, jornalistas e torcedores apaixonados, como o “Rei do Futebol”, a despeito da opinião de torcedores argentinos para os quais Maradona é quem deveria ocupar tal posto. Além do título inédito de 1958, Pelé ainda foi o destaque em 1970, durante a Copa do Mundo no México quando a Seleção Brasileira sagrou-se tricampeã mundial. Ídolo eterno do Santos Futebol Clube, time pelo qual torce e com o qual foi bicampeão mundial de clubes, em 1962 e 1963, Pelé é uma das personagens mais importantes do contexto esportivo nacional. Mesmo depois da aposentadoria, sua opinião é sempre considerada quando os assuntos são a Seleção Brasileira, o Santos e as jovens promessas do futebol no Brasil.

Desta forma, tais ídolos-heróis passaram a ser cultuados por torcedores e viraram o centro de atenção da mídia. Vitórias, títulos e gols são importantes para o crescimento do futebol e, assim, tornaram-se fatores imprescindíveis para cativar a admiração dos torcedores, principalmente no “país do futebol”. O sentimento nutrido pelo público com relação ao ídolo-herói “x” o faz querer estar sempre mais próximo

daquele jogador. A maneira mais fácil de conseguir tal feito é acompanhando as narrativas midiáticas, que são as responsáveis por construir a imagem admirada. Segundo Rúbio (2001, *apud* MORATO, 2011, p. 3), numa

sociedade que valoriza o vencedor, a vitória, a ascensão, impondo um padrão de comportamento que reconhece o mais forte e o mais habilidoso, aquele que chegar ao topo servirá como exemplo para os demais.

Porém, dentro deste universo do esporte, no qual seus astros são transformados em ídolos-heróis de acordo com a narrativa da mídia, existe uma diferenciação: o herói clássico, que alcança tal posto por meio de muito trabalho; e o herói “brasileiro”, mais predominante no futebol brasileiro. Há atleta que já adentra este universo dotado de um talento próprio, como uma força divina, uma luz própria, sendo este considerado como “ídolo malandro”, cheio de irreverência e genialidade (HELAL, 2003, p. 227). Mas não é apenas um tipo de ídolo que chega a brilhar nos gramados dos campos de futebol. Tomados por um sonho de se tornar jogador, o esforço e a perseverança são as oportunidades mais viáveis àqueles que não possuem tanto talento. A saída é a dedicação do atleta.

É exatamente o que aborda Helal (2003) ao comparar as biografias já escritas de Zico e de Romário. De acordo com o trabalho, Zico era o típico jogador de corpo franzino, e teve bastante dificuldade por não ser tão talentoso como outros jogadores da época. Helal (2003, p. 20), no “Brasil, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos enfatizam sobremaneira a genialidade e o imprevisto como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso.”

A questão antes da transformação em ídolo-herói é importante. Campbell (1986, p. 139) coloca que “provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”.

No caso de Zico, sua biografia mostra uma fase difícil, mas de grande significado para sua carreira: fazer tratamentos intensos para reforçar sua musculatura aos 13 anos o impediu de desfrutar de diversos momentos importantes de sua adolescência, trazendo para a passagem uma conotação forte que aborda a

determinação, a renúncia e o esforço como forma de alcançar o posto de estrela maior do futebol brasileiro (HELAL, 2003, p. 22).

Já para o “baixinho” Romário destacava-se na mídia não o seu trabalho e a sua disciplina, como no “herói clássico” Zico, mas justamente aquelas características típicas de brasileiros, como a “genialidade”, a “malandragem” e a “irreverência”, como já explicado acima. Diz Helal (2003, p. 20) que “trajetórias rumo à fama são ‘editadas’ na mídia, enfatizando certos aspectos, relegando outros a um plano secundário e até mesmo omitindo algumas passagens.”.

É sabido que Romário, apesar de seus inúmeros gols, era um atleta um tanto irresponsável e indisciplinado, porém, para a mídia brasileira, aquela que valoriza mais o talento que o esforço, tais características ruins eram encobertas por suas boas atuações, ressaltando a boa partida do jogador. O “mau comportamento” era abafado pelos jornais, sendo colocado em segundo plano, como concluiu Helal (2003, p 28):

As primeiras características (...) nos remetem a uma personalidade negativa, de certa forma repudiada pela sociedade. No entanto, logo a seguir surgem as características positivas de “brasilidade”: artilheiro, craque, “faz gol como quem brinca”, reforçando assim o lado “lúdico”, “alegre”, “criança” e “ingênuo” de Romário. (...) O altruísmo se confronta assim com o egoísmo e o individualismo, compondo um personagem dúbio, mas que, no entanto, torna-se coerente com a destreza e habilidade do jogador em superar dificuldades no campo de jogo.

Além de conceituar o herói como alguém que “descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realização ou de experiência, (...) alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”, Campbell (1988, p. 137) descreve a trajetória de provações pela qual perpassa o herói.

O primeiro passo é dado após o chamado daquele que vive em seu mundo cotidiano, que partirá de lá para viver algo que mudará sua vida e trará benefícios aos seus semelhantes. Nas narrativas do *Globoesporte.com* é possível entender esse momento como a convocação da Seleção Brasileira para a Copa das Confederações de 2013 feita pelo técnico Felipão. Começaria, ali, o “tempo sagrado” que poderia transformar Neymar em herói, porque, como diz Campbell (1997, p. 12),

a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde

residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções.

2 Análise da narrativa

O corpus deste trabalho será analisado à luz do conceito de narratologia abordado por Motta (2005), tendo como base a análise da narrativa jornalística. Para compreender a metodologia adotada neste trabalho, faz-se necessária a apresentação desses conceitos.

Ao estudar os procedimentos de análise pragmática da narrativa jornalística, Motta (2005) optou por analisar um conjunto de notícias sobre o mesmo tema, mas que foram veiculadas em dias diferentes. Dessa forma, aparentemente, as notícias não possuíam narratividade, ou seja, não pareciam ser sucessivas. Para analisá-las, Motta dividiu sua análise em cinco movimentos.

Dentre as diversas formas de comunicação utilizadas pelo ser humano na sua vida em sociedade, destaca-se aquela que atinge seu objetivo por meio da narração dos atos. É a partir da narrativa que o homem, desde muito, expressa os seus interesses para seu ouvinte, tomando o cuidado de alcançar um desfecho lógico da forma mais clara possível. Os acontecimentos, sejam eles importantes ou não, passam pelo mesmo processo ao ser narrado. Todos eles precedem de algo visto ou vivenciado por nós, que está em processo de mudança, como aborda: “O *narrar*”, diz Motta (2005, p. 7), “funde suas raízes na nossa ancestral herança cultural de relatar histórias.”

Vivemos num mundo narrativo. É narrando nossas vivências que crescemos e adquirimos nossos valores. Motta (2005, p. 5) afirma que “nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. Somos seres narrativos.”. É por meio da narração que nos comunicamos, sonhamos, cremos e desenvolvemos como seres humanos. É algo que se entrelaça à cultura humana, já que o homem tem maior facilidade tanto para organizar quanto para compreender os fatos de modo narrativo. Desse modo, diz Motta (2005, p. 2), os psicólogos

culturais afirmam que a nossa tendência para organizar a experiência de forma narrativa é um impulso humano anterior à aquisição da linguagem: temos uma predisposição primitiva e inata para a organização narrativa da realidade (J. Bruner, 1998). A nossa biografia, por exemplo, não é apenas uma autopercepção do nosso eu. Ser um eu com passado e futuro não é ser um agente independente, mas estar imerso em relações, em sequências globais dirigidas a metas (K. Gergen, 1996).

Mas o que é narrar? Narrar é contar um assunto de interesse humano com o objetivo de atingir um determinado desfecho, assim, aquilo que acrescentamos ou que deixamos de lado nos auxiliam a construir a mensagem a qual desejamos passar. Com isso, contar uma história não é apenas um simples ato, mas uma forma antiga de repassar uma informação intencionalmente da maneira como desejamos. É fazendo o uso da narrativa – observando, selecionando e excluindo conteúdos – que conseguimos argumentar.

De acordo com Motta (2005), o estudo das narrativas é proposto como estratégias organizadas de forma a se construir o discurso jornalístico. Assim, diz Motta (2005, p. 10-11), que se vê,

por exemplo, que contar histórias (através das telenovelas, do jornalismo, do cinema, da literatura, da historiografia, dos argumentos jurídicos, etc.) não é uma atividade unicamente estética desprovida de intencionalidade. É um dispositivo argumentativo de linguagem. (...) As narrativas são dispositivos produtores de significados e sua estruturação como narrativa obedece a interesses do narrador (individual ou institucional).

A maneira como compreendemos as coisas que acontecem ao nosso redor estão ligadas a enunciados narrativos. É a partir deles que reagimos racionalmente e pensamos na relação que cada coisa pode desenvolver com outra sempre norteados pela lógica e pela cronologia, criando uma ordem para os fatos que nos foram narrados. Isso quer dizer, para Motta (2005, p. 2), que

a forma narrativa de contar as coisas está impregnada pela narratividade, a qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação. É a enunciação dos estados de transformação que organiza o discurso narrativo, que produz significações e dá sentido às coisas e aos nossos atos.

Dessa forma, podemos perceber que a mensagem não é algo simples. Por trás da construção dessa mensagem, existe um narrador e, junto dele, está a intenção de produzir efeitos de sentido com determinada narração. A forma narrativa está impregnada de elementos muito pessoais de seu narrador – cultura, desejos, imaginação, ou seja, sua realidade. Segundo Motta (2005), quando narramos um fato, os temas os quais nós abordamos são pertencentes ao nosso cotidiano, portanto fazem parte daquilo que conhecemos, seja por que vivemos ou presenciamos aquilo.

As narrativas, assim como nós, estão inseridas dentro de um contexto social, cultural, histórico e econômico. Quando alguém ouve um fato de um amigo e vai repassar tal narração para outra pessoa, a sua opinião, sua crença, ou seja, seus valores, serão imprimidos na informação de maneira que ela será afetada pela sua cultura mesmo você não queira. Assim, diz Freire (2011, p. 39), ao

presenciar um fato, uma pessoa tem a oportunidade de, imediatamente, construir uma opinião a respeito daquilo que viu ou ouviu. Ao relatar esse mesmo fato o faz procurando acrescentar sua visão sobre o ocorrido, procurando assim, conscientemente ou não, persuadir sua audiência a admitir que seu relato constitui “a verdade”.

Motta (2005, p. 6) afirma que narrar é

uma técnica de enunciação dramática da realidade de modo a envolver o ouvinte na história narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo persuasivo de linguagem. Narrar é uma atitude, quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração.

Como é proposto no estudo feito por Motta (2005), não há narrativa desprovida de intencionalidade. Logo, as narrativas são peças de um jogo de linguagem do qual nos utilizamos para argumentar de modo a envolver o ouvinte. É por meio delas que se consegue organizar discursos - inclusive o jornalístico -, pois a narrativa transforma em relatos o conhecimento que se tem sobre o mundo, além de organizá-los e torná-los “histórias bem construídas, com temas centrais, inícios, meios e fins apropriados, e uma coerência que nos permite ver ‘o fim de casa começo’”(WHITE, 1981 *apud* ALBUQUERQUE, 2000, p 3)

Conforme compreendemos a complexidade da forma narrativa, podemos perceber que não se pode analisá-la sem considerar os fatores que existem por trás dela, como a intencionalidade do narrador e os personagens por ele criados, já que as narrativas produzem conhecimento, como diz Motta (2005, p. 11), “criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, conformam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a sociedade inteira”, além de que “só existem em contexto e para cumprir certas finalidades sociais e culturais muito claras” (MOTTA, 2005, p. 10). Desse modo, diz Motta (2005, p. 11), não

se pode fazer análise da narrativa ignorando as relações culturais que se estabelecem no ato narrativo desde o princípio. As narrativas são formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder.

A partir do estudo da construção da forma narrativa, no qual os analistas viram a necessidade de decompor todos os componentes de uma narração, veio a chamada narratologia, definida por Motta (2005, p. 12-13) como a teoria da narrativa, abrangendo também os

métodos e os procedimentos empregados na análise das narrativas humanas. É, portanto, um campo e um método de análise das práticas culturais. [...] nasce deste esforço dos analistas em decompor as partes componentes das histórias narradas e estabelecer uma gramática ou sintaxe narrativa. [...] A narratologia é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades. Dedicase ao estudo dos processos de relações humanas que produzem sentido através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias, manifestações orais, etc.) ou ficcionais (romances, contos, telenovelas, mitos, etc.). Procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da apreensão, da compreensão, e da expressão narrativa da realidade.

É por meio da desconstrução de um fato que podemos compreender os significados de uma narrativa e também suas construções, permitindo a observação dos diversos valores de uma cultura. A partir disso, surge o entendimento de que o que compõe uma narrativa não é apenas uma representação de um fato, já que o discurso narrativo se refere muito mais a uma determinada intenção do autor que simplesmente ao ato de relatar uma informação. Segundo Motta (2005, p. 16-17), a

lógica narrativa é o agrupamento de unidades que se coesionam sintaticamente em sequências articuladas. Organizadas narrativamente, as narrações produzem significados, proporcionam inteligibilidade à natureza e às relações humanas. Ao estabelecer sequências de continuidade (ou

descontinuidade), integram ações no passado, presente e futuro, dotando-as de sequenciamento, criando o tempo do relato no relato. O relato temporal perspectiva os estados e as ações em momentos históricos (mudanças evolutivas). A análise busca verificar como se produz sentido através de expressões narrativas, como construímos significados e como construímos nossa argumentação através da expressão narrativa da realidade. [...] os discursos narrativos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações (modos) linguísticos e extralinguísticos táticos para realizar certas intenções e objetivos. A organização narrativa do discurso, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). [...] A comunicação narrativa pressupõe, portanto, uma estratégia textual que interfere na organização do discurso e que o estrutura na forma de seqüências encadeadas e em uma retórica para dar conta da finalidade desejada.

Com isso, é possível identificar a criação de uma realidade a partir da análise de relatos jornalísticos, os quais tentam ser objetivos para contar de uma forma geral o que aconteceu. De fato, existe a questão da concisão dentro do universo jornalístico, porém nem sempre é possível ser apenas objetivo ao abordar um fato. Mesmo que de forma não desejada, os relatos jornalísticos, assim como os históricos, estão repletos de subjetividades.

O que acontece com as narrações é que elas não representam exatamente o que aconteceu. É como a Teoria do Espelho, abordada por Nelson Traquina, em *Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são*, volume I, 2012, desenvolvida dentro das Teorias do Jornalismo, para explicar a notícia como um espelho da realidade, abordando a objetividade do trabalho. Porém, em ambos os casos, a subjetividade, imersa na cultura de cada pessoa, contribuiu para o entendimento de que aquele fato narrado é apenas um recorte da realidade, e não seu exato reflexo, como um espelho.

Para esclarecer melhor, a partir da compreensão do real e do imaginário, podemos notar que as narrativas podem ser fáticas, como a historiografia e o jornalismo, abrangendo as notícias, os documentários, etc.; e podem ser fictícias, tendo como bom exemplo as novelas e os filmes. Aquelas, como se relacionam mais com a realidade humana, tendem a buscar mais “por preservar a objetividade do relato, [...] procuram dar a ideia de que os fatos falam por si mesmos. [...] Entretanto, essa divisão rígida não corresponde ao que se passa em muitas narrativas literárias ou históricas porque na maior parte dos casos temos narrativas híbridas” (MOTTA, 2005, p. 24-25).

Diariamente nos conteúdos veiculados pela mídia podemos identificar narrativas que utilizam tanto o conteúdo fático quando o fictício em seus conteúdos. É uma maneira de envolver o seu público, dando a ele fatos reais e conteúdos “fantasiosos”, por exemplo, ao contar a história de alguém que venceu na vida e abordá-la como herói. Motta (2005, p. 26) diz crer

que na maior parte dos casos os produtos veiculados pela mídia exploram o fático e o imaginário em suas narrativas procurando ganhar a adesão do leitor, ouvinte ou telespectador e provocar certos efeitos de sentido. Exploram o fático para causar o efeito de real (a objetividade) e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividade). Tudo depende da estratégia do narrador midiático. É preciso considerar cada caso para constatar se a narrativa midiática é predominantemente fática, fictícia ou híbrida e para verificar as intencionalidades do narrador.

A partir disso, podemos observar como a composição da narrativa midiática é diferente da narrativa utilizada, por exemplo, em contos literários. Nestes, como aborda Motta (2005), nós nos preocupamos em analisar e compreender apenas o produto final. Já com relação às narrativas ligadas à mídia, por ser tão relacionada ao real e por produzir efeitos de sentido num público que constrói seu mundo a partir daquilo, o aprofundamento deve ser maior para que assim a análise seja capaz de nos fazer descobrir as intencionalidades, as estratégias e os significados produzidos por uma narrativa.

Os esclarecimentos feitos acima nos ajudam a perceber como o analista deve se preocupar em aprofundar seu processo de análise, pois a narrativa midiática é composta não só de um fato concreto, mas de um determinado recorte, feito por alguém que tem vivências particulares, que enxerga o mundo de uma maneira própria e que busca produzir algum tipo de efeito no seu público, sejam efeitos emocionais ou não. Por isso, todo o processo de produção daquela mensagem deve ser analisado, tornando a análise da narrativa jornalística uma mescla entre a análise narrativa e a histórica. O olhar deve estar atento para avaliar “o narrador e sua condição de produção, a narração ou o ato de narrar, a narrativa em si mesma, a narratividade encoberta ou descoberta e as ações do narratário (a audiência)” (MOTTA, 2005, p.27). Segundo Motta (2005, p. 28-31), o que se busca ao se fazer análises da narrativa jornalística é

compreender o jornalismo como uma atividade produtora de sentidos, formadora e estruturadora do pensamento contemporâneo em todas as dimensões que esta afirmação sugere. [...] É o jornalismo que faz os

acontecimentos do presente inteligíveis, faz as novidades adquirirem significação consistente. [...] Neste sentido, o historiador do presente (o jornalismo) é ao mesmo tempo criador e reflexo dos acontecimentos, recompilador e produtor de efeitos. [...] Desta forma, fazemos a análise da narrativa jornalística para compreender como se integram os sentidos fragmentados das notícias do dia a dia, para juntar o que a dinâmica da atividade jornalística separou.

Com as explicações e os aprofundamentos feitos acima sobre a narrativa e a importância de estudá-la a fundo, faz-se necessário adentrar nas indicações abordadas para que a análise da narrativa jornalística seja feita de forma adequada. Um dos principais pontos colocados que surgem naturalmente no decorrer da produção da atividade jornalística é o conflito. É a partir da existência dele que se inicia uma narrativa acerca de um determinado assunto. É o conflito que atrai e que mantém o interesse do público sobre o desenvolvimento das histórias narradas pelos jornalistas.

Ele pode ter início quando duas partes de uma mesma narrativa se encontram em confronto de interesses e suas partes agem em desacordo, por exemplo, gerando diversas tensões que fornecem material para a continuidade de narrativa. Elementos presentes no conflito inicial, como os desdobramentos daquele fato – quais serão os próximos acontecimentos – permitem que a atenção do público esteja voltada para aquela narrativa. O conflito pode ter origem política, cultural ou até social, não importa: para Motta (2005, p. 41-42) é

o elemento estruturador fundamental de qualquer narrativa e particularmente da narrativa jornalística que trabalha com rupturas, descontinuidades e anormalidades. [...] um processo em transcurso, que evolui, afeta e constitui as mudanças de estado que vão surgindo em torno dele, a história do conflito que vai sendo narrada.

Ainda segundo Motta (2005), o conflito é um processo. Como todo processo, ele sofre mudanças, que são capazes de dar continuidade ou de encerrar aquele assunto. Por trás de todo acontecimento existe o que chamamos de pano de fundo, o qual engloba todo o conflito. É o “palco”, um “contexto”, em que a narrativa se dá, acontece e se desenvolve. É a partir da identificação do conflito que se deve iniciar a análise da narrativa jornalística, mas não sem antes conhecer o que Motta chama de “compreensão

história temporal e causal”². É necessário conhecer todo o assunto que envolve a narrativa antes de começar a analisá-la.

Após tal conhecimento, é hora de reconstruir a história, normalmente narradas em matérias diferentes, como é o caso da cobertura da Copa das Confederações 2013, remontando-a em sequências a partir dos conteúdos veiculados a cada dia, identificando os três estágios que a constituem: situação inicial, desenvolvimento e epílogo (ou desenlace). O ideal, ao fazer uma análise desse tipo, é que a narrativa já tenha seu desfecho, ou seja, que seu conflito tenha se encerrado.

A situação inicial acontece quando da quebra de uma continuidade. No mundo do real, as situações costumam variar: nem tudo sempre está bem ou mal. Conforme a atitude das pessoas muda, há melhorias, continuidades, mas também há quebra, há desestabilidade. É justamente na quebra que a situação se inicia, portanto, na narrativa jornalística, o conflito reside não só no meio político ou econômico, mas também nas tragédias de ordem natural e social. Para Motta (2005, p. 48-49), a

situação inicial de uma narrativa jornalística é, portanto, quase sempre um fato de conotações dramáticas imediatas e negativas, que irrompe, desorganiza, transtorna, confunde, desorienta. [...] Pode ser falta ou excesso de alguma coisa, [...] pode ser um conflito manifesto ou aberto: um crime, um golpe, uma infração, um choque, um rompimento, uma anormalidade climática, a eclosão de um fenômeno físico ou social de impacto

Mas somente este conflito não é capaz de sustentar o assunto na mídia por muito tempo. É preciso que aconteça uma sucessão de outros acontecimentos, os quais sejam capazes de alimentar o conflito inicial para que hajam desdobramentos. Normalmente uma matéria ganha novas narrativas quando seus problemas aparentam ter uma resolução ou quando outros fatos descobertos pioram a sua situação. É a relação entre o equilíbrio (reequilíbrio) e o desequilíbrio que alimenta uma narrativa jornalística. Assim, diz Motta (2005, p. 49), as

narrativas jornalísticas se alteram segundo um ciclo contínuo de fases de degradação e melhoramento, combinando-se em diferentes modalidades. Interessa particularmente à análise da narrativa jornalística uma destas modalidades, que ele chama de combinação por junções sucessivas.

² Segundo Motta (2005, p. 45), a compreensão história temporal e causal é o que fornece embasamento para começar a analisar o discurso da narrativa, desde o seu início até o encerramento daquele conflito.

Com relação ao desenvolvimento, o conjunto de ações e sequências que se iniciam com o desequilíbrio da situação inicial são abarcadas pelo ele da narrativa. É onde podemos encontrar o clímax do assunto, e não tem uma qualidade determinada de tempo para acontecer. O desenvolvimento, como o próprio nome sugere, vai sendo alimentando pelas novas tensões, mostrando o desenrolar da narrativa. Também podemos chamar de “anacronia” todas as alterações que acontecem com aquele assunto enquanto ela permaneça no discurso jornalístico.

Neste momento da narrativa, é comum, também, o aparecimento de *flashbacks* feitos pelos jornalistas. A intenção deles é “situar personagens e as situações das ocorrências que aparecem repentinamente nas páginas dos jornais ou nas imagens dos telejornais” (MOTTA, 2005, p. 52).

Já com relação ao epílogo (ou desenlace), podemos dizer que o fim de uma narrativa chega quando o conflito é resolvido e tudo volta ao seu normal. Em algumas vezes, é necessário que o próprio analista encerre uma narrativa, ainda que de modo arbitrário. Quando o conflito se resolve, somem também as tensões causadas por conta dele e, conseqüentemente, também deixa de haver assunto na mídia, encerrando a cobertura daquele acontecimento. Reis e Lopes (1988, *apud* MOTTA, 2005, p. 55) diz que o “desenlace constitui-se em um evento ou um conjunto concentrado de ventos que resolve as tensões, reduz as ambiguidades, restabelecendo o equilíbrio”.

Diante de tantos detalhes primordiais para realização de uma análise correta, como já abordamos acima, é de grande importância fazer os devidos esclarecimentos e diferenciações acerca dos personagens e das pessoas reais que fazem parte do contexto das narrativas jornalísticas. De acordo com Motta (2005), é comum que analistas confundam personagens com pessoas reais.

O que precisamos compreender é que durante a análise da narrativa, estaremos lidando com personagens, criações do discurso, que são feitas de acordo com as intenções do narrador, são “atores da narrativa (palavra que recalca a representação), figuras básicas que se transformam em personagens quando se individualizam na análise da história” (BAL, 2001, *apud* MOTTA, 2005, p. 73).

Porém, nem sempre lidamos com personagens fictícias. Isto é algo que devemos ter claro em nossas mentes. As narrativas podem abordar histórias com personagens que possuem uma pessoa real. É o caso das narrativas que analisaremos logo em seguida. Neymar Júnior é uma pessoa real, jogador de futebol profissional. Porém, Neymar que aparece nas narrativas do *Globoesporte.com* é um personagem criado a partir da figura real, que estudaremos justamente a construção desse personagem. Desse modo, diz Motta (2005, p. 7), é

importante (...) lembrar que estamos analisando uma narrativa jornalística, como as notícias constroem personagens, conflitos, combates, heróis, vilões, mocinhos, bandidos, punições, recompensas. Não estamos fazendo uma análise da realidade histórica em si mesma. Nosso objeto é a versão, não a história.

Continua Motta (2005, p.73-74) afirmando que podemos

nos referir a pessoas reais, mas na narrativa elas permanecem como categoria do discurso. Mesmo quando esta personagem tenha um correspondente na vida real, um ser humano de carne e osso, na narrativa ela assume as funções de personagem. [...] As personagens representam pessoas, mas enquanto discurso, não são pessoas, são representantes das pessoas. [...] A personagem é um ente, não um indivíduo.

É como a questão da análise estudar uma narrativa sobre a realidade, e não a realidade em si. O personagem presente na história é uma construção da pessoa real, feito linguisticamente pelo autor, que pode ter ressaltado certos aspectos da personalidade da pessoa real e ter ignorado outros.

O personagem é visto como um ente que age, que realiza ações, conceituado por Todorov, de acordo com Motta (2005), como um “predicado”. Tal capacidade de agir do personagem remete ao conflito abordado acima, já que este é iniciado por uma ruptura ou por uma anormalidade: o conflito, como um processo, sofre mudanças; o personagem, como ente que age, fazem determinadas coisas, que dão continuidade a história. Analisando bem, é justamente essa relação de mudança que se torna notícia e que o jornalismo cobre: “rompimentos”, “restabelecimento”, “instabilidade”, etc. Por isso, Motta (2005, p. 76) defende

que na narrativa jornalística o conflito é de uma maneira ainda mais evidente o elemento estruturador da narrativa. Identificando os conflitos, podemos identificar as relações conflituosas em que estão envolvidas as personagens do relato, seus papéis, motivações ou manifestações, suas condutas ou ações.

Podemos identificar as partes em conflito, a evolução da história e seu epílogo, podemos identificar que forças políticas, econômicas, religiosas ou psicológicas estão envolvidas. Podemos visualizar as forças éticas, morais ou ideológicas as mantém, como evoluem na história e como se restabelece o equilíbrio: que forças [políticas, econômicas, éticas, morais] se reforçam e que forças se reduzem.

Na metodologia apresentada por Motta (2005), o primeiro movimento fala justamente sobre a recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico, ou seja, da necessidade de reconstruir aquelas notícias de forma resumida que foram contadas separadamente e aparentam não ser sucessivas.

O segundo movimento aborda a questão da identificação dos principais fatos (conflito) que ajudaram a formar aquela narrativa jornalística para, em seguida, nomeá-los (episódios) na intenção de facilitar a observação das estratégias utilizadas pelo narrador.

O terceiro movimento é dedicado a identificação e análise das personagens contidas na narrativa, focando na forma em que foram abordadas, suas representações, apontando as intenções do autor ao construir aquela imagem das personagens.

Para o quarto movimento, a análise aponta para a identificação das estratégias utilizadas pelo narrador na construção da narrativa no intuito de produzir certos efeitos no seu público, podendo chegar às estratégias de objetivação, que ficam com a construção de efeito de real, ou às estratégias de subjetivação, com o efeito poético ou simbólico.

Já no quinto movimento busca-se mais a descoberta dos significados de fundo ético e moral ou fábula da história além da questão cultural que vem antes da realização da matéria. Neste trabalho utilizaremos apenas os três dos cinco movimentos descritos por Motta porque suas características de análise nos auxiliam melhor a compreender os procedimentos de construção de imagem de herói proposto pelo trabalho: primeiro, terceiro e quarto movimentos. Em que pese a sua importância, os outros dois movimentos não são necessários para o desenvolvimento do que é proposto no presente estudo.

3 Procedimentos de análise

3.1 A “estrela” da Seleção

Apenas pouco mais de um ano após ser promovido para o futebol profissional, o garoto ainda magrinho fazia sua grande estreia na Seleção Brasileira. Dia 10 de agosto de 2010 (GLOBOESPORTE.COM, 2010), Neymar vestia, pela primeira vez, a tão desejada camisa amarela e marcava seu primeiro gol pela seleção. Porém a história desse craque começou bem antes, lá nos anos 90.

Neymar da Silva Santos Júnior, mais conhecido como Neymar Júnior, nasceu em Mogi das Cruzes no dia 5 de fevereiro de 1992. Filho de jogador de futebol profissional, o moleque acostumou-se, desde cedo, a ter o esporte presente em sua vida. E foi ainda criança, com seus 6 anos de idade, que Neymar despertou o interesse de um descobridor de talentos já conhecido. Betinho enxergou no menino, que brincava nas arquibancadas com desenvoltura e velocidade enquanto o pai jogava, uma grande possibilidade. Foi quando as quadras de futsal da Baixada Santista conheceram os dribles curtos e a agilidade com pés de Neymar Júnior.

O talento do garoto pulou as quadras até chegar aos ouvidos de dois ex-jogadores do Santos Futebol Clube: Zito e Lima. “Um torcedor do Santos, o Alemão, falou para eu ir ver o Neymar jogar. [...] Fui com um amigo, e o Neymar me encheu os olhos” (SPORTV, 2013), disse Zito em entrevista em 2013. Aos 12 anos, graças a esses dois “olheiros”, Neymar chegou ao alvinegro praiano, time que revelou ao mundo o Rei Pelé. Na época, o Santos não tinha categoria de base para receber o garoto, mas logo foi criado o sub-13 para que ele pudesse jogar. Naquele momento, iniciava um capítulo importante na vida do jogador e do time.

Neymar ficou conhecido na região após disputar a Copa TV Tribuna de Futsal Escolar, afiliada da Rede Globo. Mesmo ainda muito novo, o garoto de Mogi das Cruzes já despertava o interesse de outros times e até da imprensa. À convite do Real Madrid, da Espanha, Neymar viajou para a capital espanhola acompanhado da família e do seu empresário em 2006. Com apenas 14 anos, o menino não se adaptou à base do time e preferiu voltar para Santos (UOL, 2013).

Subindo de categoria e sempre jogando com os rapazes mais velhos, Neymar foi se destacando na base do time, quando disputou duas edições da Copa São Paulo de Juniores. No dia 07 de março de 2009, Neymar estreou pela equipe profissional do Santos com uma vitória. O Peixe venceu o Oeste por 2x1, no Pacaembu, em São Paulo. Seu primeiro gol veio uma semana depois, de cabeça, na vitória santista por 3x0 sobre o Mogi Mirim, também no Pacaembu (SANTOS FUTEBOL CLUBE, 2015). No dia, Neymar usava a camisa 7, do ídolo Robinho, de quem era considerado sucessor, como diz a matéria do *Globoesporte.com*, de 2009:

Apadrinhado por Robinho, de quem é considerado sucessor, e despertando interesse de clubes do exterior, o garoto viveu, nesta segunda-feira, um dia de estrela. Agora, com motivo. No último domingo, contra o Mogi Mirim, Neymar fez seu primeiro jogo como titular e balançou as redes pela primeira vez como profissional.

Naquele o ano, Neymar jogou sua primeira final de Campeonato Paulista, porém a taça ficou com o Corinthians, de Ronaldo Fenômeno. Em 2010, tudo aconteceu diferente. O garoto aprimovara seu modo de jogar, mais ousado, genial, malandro e irreverente. Despertou novamente o que há muito não se via no futebol brasileiro: a genialidade, o talento e o improviso, que, segundo Helal (2003), é infantizado no Brasil

como o jogador “tipicamente brasileiro”. O futebol arte, aquele jogo fácil se propagou rapidamente dentro do Santos, nos pés de Robinho, Neymar, Paulo Henrique Ganso e André.

Às vésperas da convocação para a Copa de 2010, existia uma expectativa muito grande de que o técnico Dunga chamasse o “quarteto fantástico” santista que conquistou a torcida com o recente título do Paulistão 2010. A pressão dos torcedores não adiantou, e só Robinho entrou na lista.

Mais tarde, naquele mesmo ano, com o quarteto cada vez mais afiado, Neymar conquistava seu segundo título e o primeiro nacional: a Copa do Brasil. Logo na primeira fase, a maior goleada do ano e a segunda maior da história da competição: Santos 10 x 0 Naviraiense. O segundo gol de Neymar foi considerado uma bela pintura, quando atacante triblou os zagueiros e o goleiro. O garoto foi eleito o artilheiro da torneio, com 11 gols marcados.

A grande conquista ficou para o mês de agosto. No primeiro jogo pela Seleção Brasileira, nos Estados Unidos, Neymar também marcou seu primeiro gol com a amarelinha, de cabeça.

O ano de 2011 não foi diferente. No bicampeonato paulista em cima do rival Corinthians, Neymar marcou o gol da vitória. Meses depois, dentro do estádio do Pacaembu, um fato histórico aconteceu. Após 48 anos sem erguer a taça Libertadores da América, o Santos sagrou-se tricampeão. Neymar tornou-se o herói conforme a narrativa de construção de imagem usada pelo *Globoesporte.com*, de acordo com Freire & Chagas (2012). No dia da vitória, o destaque da matéria do portal foi para ele. A crônica era intitulada “Neymar brilha, meninos da Vila fazem história e Peixe leva tri da Libertadores”.

Um esquadrão branco, infernal, que tomou a América de assalto. Com um ataque genial, imprevisível, artilheiro. Muitas vezes, o Santos foi descrito assim nos anos 60, quando Pelé e seus companheiros chacoalharam a América. O mesmo texto agora, 48 anos depois, serve para o time de Neymar, Ganso, Elano, Léo, Dracena, Arouca, Durval, Rafael. Sim, senhoras e senhoras: o Santos é, novamente, campeão da Taça Libertadores. Tricampeão (ganhou em 62, também sobre o Peñarol, e 63). (*Globoesporte.com, 2011*)

Nesse mesmo ano, Neymar foi campeão Sul-Americano sub-20 com a Seleção Brasileira, sendo o artilheiro com 9 gols, além de vencer o Superclássico das Américas com a seleção principal. Já em 2012, ano do centenário do Santos, Neymar foi tricampeão do Campeonato Paulista, ergueu a taça da Recopa pela primeira vez, como capitão do time, e foi prata nos Jogos Olímpicos de Londres com a Seleção Brasileira.

O ano de 2013 foi um divisor de águas na carreira de Neymar. Em maio, o jogador entrou em campo pela última vez vestindo a camisa do Santos Futebol Clube, no Estádio Mané Garrincha, onde se despediu do Brasil. O contrato recém assinado com o Barcelona o levaria para a Espanha. Pouco tempo depois do Santos x Flamengo, começaram os jogos da Copa das Confederações 2013, quando nossa história acontece.

3.2 Futebol no Brasil

No Brasil, tem-se o futebol como um importante fenômeno de integração social muito marcante no seio da cultura brasileira. Ainda que possamos destacar outras produções de relevante importância no Brasil, como o carnaval e a telenovela, o futebol tem a capacidade de unir num mesmo ambiente diversas classes sociais e etnias, lotando estádios em campeonatos estaduais, nacionais e regionais. A “paixão nacional”, como é visto o futebol para o brasileiro, passou a representar tanto da nossa cultura devido ao seu caráter de espetáculo, que, como aponta Debord (1994), está inserido na vida da sociedade moderna. Além disso, das características do modo de vida dos jogadores também contribuem para a identificação da sociedade com o esporte (HELAL, 2003, p. 21).

Porém nem sempre o futebol teve a característica de um esporte de todos. Quando chegou no Brasil, no fim do século XIX, o *football*, vindo da Inglaterra, era considerado um esporte elitista e praticado apenas pelos filhos da “alta sociedade” da época, de acordo com Helal (2012, p.155). O responsável por “apresentar” o futebol ao Brasil – por assim dizer – foi o brasileiro Charles William Miller, em 1894.

Filho de um imigrante inglês – John Miller – e de uma brasileira filha de ingleses – Carlota Alexandrina –, Charles nasceu no bairro do Brás, em São Paulo. Aos 10 anos, foi enviado pelos pais para dar continuidade aos seus estudos na Inglaterra, na

Banister Court School. Foi quando ele conheceu o futebol e se tornou um garoto de habilidade reconhecida, sendo apelidado de Nipper, gíria em alusão à velocidade dele, e atuando pelo St. Mary's e pelo Corinthian Football Club (que, anos depois, inspirou a criação do Sport Club Corinthians Paulista).

Simbolicamente falando, a primeira vez que o futebol esteve no Brasil foi nas malas de Charles Miller (CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO, 2015): um livro de regras do futebol, duas bolas, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras e as duas camisas dos times pelos quais ele jogou.

Na prática, o primeiro jogo de futebol foi realizado em 14 de abril de 1895, na Várzea do Carmo. Nesse dia, Charles Miller jogou pelo São Paulo Railway, que acabou ganhando do Gaz Team pelo placar de 4x2.

Porém, muitos estudiosos discordam que os dois marcos acima tenham sido realmente os primeiros. Witter (2003, p. 163) diz que os primeiros momentos do futebol no Brasil teriam sido os “jogos disputados entre brasileiros e marinheiros estrangeiros que chegavam em navios de diferentes bandeiras, mas com maior frequência com os ingleses”.

Tal esporte, que poderia ser jogado por tantos ao mesmo tempo, foi se consolidando rapidamente no nosso país. Ainda que, no início, fosse um esporte bastante elitista, no qual apenas os filhos dos ricos podiam jogar, o futebol sempre teve como característica marcante a coletividade. Em um país com tanta diversidade cultural e regional, como aborda Helal (2012), o futebol também pôde harmonizar um pouco das diferenças entre cada um. Não podemos esquecer que somos um povo formado a partir de várias misturas: negros, índios, brancos, etc. Assim, o “futebol tem uma importância crucial para o sentido de coletividade ao estimular as diferenças e rivalidades entre grupos sociais distintos, ao mesmo tempo em que os integra” (HELAL, 2012, p. 152).

Além da coletividade, o futebol era um esporte que, de certo modo, rompia com os padrões da época. Ainda que houvesse o espírito de rivalidade e as diferenças, a disputa tinha um fim pacífico e acontecia de forma harmoniosa, diferente de outros esportes, que, para Byington (1982, *apud* WITTER, 2003, p. 164) eram violentos e

preparam o povo para guerra. Ainda segundo Byington, a evolução do futebol se deve à atividade do inconsciente coletivo e o esporte foi implantado de baixo para cima, por meio da alma do povo:

O futebol sempre foi um jogo revolucionário por grandes razões. Por ser associado desde seu início ao Carnaval, festival sabidamente ligado à liberação das emoções e instintos. Por ser um esporte coletivo e contrariar os esportes individualistas das elites dominantes. Por dirigir as emoções do povo para uma disputa que acabava bem e que por isso desviava o interesse do povo dos torneios patriarcais vigentes, que terminavam com a morte do adversário, e de esportes como o arco e flecha, que preparavam o povo para a guerra. O futebol se caracterizou desde o início como um encontro de opostos.

Logo após a fase de consolidação do futebol no Brasil, por volta de 1914 e 1915, na qual aconteceram as primeiras disputas entre os times criados na época, vieram as primeiras mudanças no esporte. Mas vale salientar que tal processo acontecia não nos regulamentos que amparam o jogo e sim nas pessoas que tentavam fazer com que outras pessoas também jogassem futebol. De acordo com Witter (2003), uma das principais mudanças aconteceram nos terrenos das fábricas, que passaram a construir campos de futebol com o intuito de atrair e motivar os operários. Isso, de fato, aconteceu tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro.

Outro aspecto importante na história e disseminação do futebol no Brasil foi a participação de pessoas de outras classes e raças. O esporte estava se difundindo e atingindo cada vez mais gente, então logo começaram a aparecer nos times de futebol da época jogadores de baixa renda, negros e mulatos. Os primeiros clubes a aceitarem a presença deles foram o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, e o Corinthians, em São Paulo (MOURA, 1997, p. 8). Para Witter (2003), tal mudança que estava acontecendo nos times do Brasil são uma amostra da democracia que existe dentro do futebol, além da questão revolucionária por trás da aceitação. Houve resistência, mas, com o tempo, tudo se normalizou. A chegada dos negros e pobres nos times foi um momento importante para o futebol brasileiro, como diz Helal (2012, p. 156)

o futebol se consolidou como um importante referencial de comunicação para a coletividade. De fato, o fascínio exercido pelo futebol sobre os diversos segmentos sociais transformou esse esporte em uma espécie de “idioma comum” na cidade, influenciando seus hábitos e costumes. Em vez da tradicional missa nas manhãs de domingo, temos, hoje em dia, a praia, o bar ou o almoço de domingo, seguidos da partida de futebol, que será tema das principais conversas durante os intervalos de trabalho na segunda-feira

seguinte. Conversas essas que são cada vez mais estimuladas pelos meios de comunicação. Desta feita, o futebol terminou por produzir um poderoso sistema de comunicação que gera vínculos sociais – mesmo que temporários – entre indivíduos de diversas classes socioeconômicas.

O passo seguinte, no início dos anos 30, foi a discussão sobre a profissionalização do esporte. Na época, o Paulistano acabava de voltar de uma excursão vitoriosa pela Europa, que acabou servindo como uma vitrine dos jogadores brasileiros para o mundo. Não aceitando a mudança, o Paulistano decidiu encerrar os jogos do time. Segundo Witter (2003, p. 165), os “dirigentes do Paulistano não aceitavam a ideia de que o jogador ganhasse para praticar o futebol. Para eles o amadorismo e o lúdico tinham que prevalecer”. Embora a discussão tenha durado ainda algum tempo, as novas mudanças prevaleceram. Os jogadores que disputavam partidas pelo Paulistano acabaram indo jogar em outros times.

De acordo com os dados disponibilizados no Futpédia (GLOBOESPORTE.COM, 2015), o torneio mais antigo do futebol brasileiro é o Campeonato Paulista ou Paulistão, disputado pelos times do estado de São Paulo desde 1902. O maior vencedor da taça é o Corinthians, como 27 títulos. A versão do estadual do Rio de Janeiro, o Campeonato Carioca, acontece desde 1906, com o Flamengo campeão 33 vezes.

Logo em seguida, vem um capítulo de grande importância para história do futebol brasileiro: a construção dos estádios Maracanã, no Rio de Janeiro, e Pacaembu, em São Paulo. Este começou a ser construído primeiro, por volta de 1936, quando o Prefeito da época, Fábio da Silva Prado, autorizou que um complexo fosse erguido para receber eventos esportivos e culturais. O Pacaembu – estádio Sul-Americano mais moderno da época, tinha com capacidade para 70 mil espectadores (SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, LAZER E RECREAÇÃO DE SÃO PAULO, 2015) – foi inaugurado em abril de 1940, numa cerimônia que contou com a presença do Presidente Getúlio Vargas e de diversos esportistas da época. A partida inaugural foi realizada entre Palestra Itália (atual Palmeiras) e o Coritiba, tendo o time paulista como vencedor por 6x2.

Já o Maracanã foi inaugurado em 1950, tendo como um de seus grandes incentivadores, o jornalista Mário Filho, que, atualmente, dá nome ao estádio.

Construído no antigo terreno do Clube Derby (A HISTÓRIA DO ESTÁDIO JORNALISTA MÁRIO FILHO, GLOBOESPORTE.COM, 2013), o Maracanã teve como cerimônia de inauguração uma partida entre as seleções do Rio de Janeiro e de São Paulo, e seu primeiro gol foi marcado pelo carioca Didi. Os paulistas venceram aquela partida de virada, por 3x1. Em 1957, no Maracanã, foi a primeira vez que Pelé jogou pela Seleção Brasileira (SUPERINTENDÊNCIA DE DESPORTOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2015). Porém, as obras do estádio, que em tupi-guarani quer dizer água podre, só foram encerradas em 1965, ou seja, 15 anos após a sua inauguração. Antes de receber o nome do jornalista Mário Filho, em 1965, em homenagem ao jornalista e incentivador Mário Filho, o Maracanã era chamado de Estádio Municipal do Maracanã e Estádio Mendes de Moraes.

As construções dos dois equipamentos citados acima deram a oportunidade ao Brasil de receber o maior evento do futebol no mundo: a Copa do Mundo, também conhecida como taça Jules Rimet. Como a Europa estava devastada por conta da Segunda Guerra Mundial, o Brasil foi candidato único para sediar a Copa, depois de 12 anos de interrupção. Em 1950, o esporte vivia a fase de afirmação dentro do país.



Brasil - Barbosa não consegue evitar gol de empate de Schiano (ao fundo) na decisão da Copa de 1950

Maracanã, 17 de julho de 1950: os uruguaiois silenciaram os milhares de brasileiros que estavam dentro de campo na partida final da competição. Após a Seleção Brasileira abrir o placar, o Uruguai, venceu por dois a um. O episódio ficou conhecido como Maracanazo, e deu o recorde de público ao estádio: oficialmente, 199 mil e 584

peessoas estavam presentes (MUNDO ESTRANHO, EDITORA ABRIL, 2015). Para Witter (2003, p. 165), o

ano de 1950 é um divisor de águas para o futebol, tanto por ser o momento da retomada do campeonato mundial, depois da Segunda Guerra Mundial, como por ele ser disputado no Brasil. [...] Nunca se viu comoção maior que aquela, só comparável com a da morte de Getúlio Vargas. [...] Assinalei o ano de 1950 como um divisor de águas. Creio que a derrota, como acontecida no Maracanã, foi a lição que todos nós precisávamos e, logo depois de 1950, com o esforço de uns poucos entusiasmados esportistas e torcedores brasileiros, tudo foi sendo reformulado em termos de futebol, em especial no que se referia às seleções nacionais. Estou convencido de que se não tivéssemos perdido e da forma como o foi não teríamos conseguido o brilhante tricampeonato do México, em 1970. Depois, até como é natural, esperamos por mais 24 anos e 5 copas para, de novo, erguer a taça. Foram tempos de novas crises internas e profundas mudanças nas práticas esportivas, no Brasil e no mundo.

A reformulação do futebol após a Copa de 1950, como citou Witter (2003) acima, trouxe bons frutos colhidos para o esporte no Brasil, que agora contava com importantes campeonatos nacionais, como a Taça Brasil e o Torneio Gomes Pedrosa. Iniciado em 1959, as edições da Taça Brasil aconteceram até 1968 e tiveram o Santos – da Era Pelé – como grande campeão. Já o Torneio Gomes Pedrosa foi disputado entre 1967 e 1970, sendo então substituído pelo Campeonato Brasileiro.

Em 2010, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) decidiu unificar os títulos da Taça Brasil e do Torneio Gomes Pedrosa como conquistas nacionais. Assim, Palmeiras e Santos passaram a ser os maiores campeões nacionais, com oito títulos cada. Com a oficialização, Pelé passou a ser o principal recordista de títulos, sendo hexacampeão brasileiro (GLOBOESPORTE.COM, 2010)

Com o futebol já consolidado como o “esporte das multidões”, o cenário para a Seleção Brasileira começava a mudar. Da triste derrota de 1950, os jogadores foram evoluindo num ritmo frenético, que rendeu aos brasileiros o tricampeonato em Copas do Mundo. A primeira vez em que o Brasil se viu campeão nessa disputa foi em 1958, na Suécia, quando apresentou ao mundo um garoto de 17 anos que se tornou, para muitos, o maior jogador de todos os tempos, e o gênio das pernas tortas, com seus dribles desconcertantes: Pelé e Garrincha.

No Chile, em 1962, o Brasil conquistou o bicampeonato com uma seleção bem parecida com a da copa passada. Porém, ao se machucar no segundo jogo, contra a

Tchecoslováquia, Pelé deixou o torneio, sendo substituído por Amarildo. O tricampeonato veio em 1970, no México, e, como diz Witter (2003, p. 166)

o Brasil, mais uma vez, abriu para os seus atletas as portas do mundo; muitos jogadores deixaram os clubes brasileiros para serem contratados pelos clubes europeus, asiáticos, africanos. Repetiu-se, um pouco (em escala maior, é verdade), o que se passou na década de 30, depois da excursão vitoriosa do Paulistano pela Europa.

O quarto título mundial só veio 24 anos depois, nos Estados Unidos, em uma equipe comandada pelo capitão Dunga e por Romário. Em 2002, o técnico Felipão comandou os meninos brasileiros no pentacampeonato, na Copa do Japão e da Coreia do Sul, dando ao Brasil o *status* de maior campeão de Copas do Mundo, com Itália e Alemanha, logo em seguida.



Japão, 10/10/2005 - Brasileiros fazem festa após a conquista do Mundial de 2002

4 Análises

A análise das matérias selecionadas será feita à luz da análise da narrativa jornalística, abordada por Motta (2005), focando em três dos cinco movimentos descritos por ele: o 1º movimento, sobre a recomposição da intriga; o 3º movimento, sobre a reconstrução das personagens; e o 4º movimento, sobre as estratégias narrativas.

Assim como sugere Motta (2005), também serão abordados o plano de fundo da história, além do resumo das narrativas selecionadas, que orientarão o processo de análise dos movimentos escolhidos.

4.1 Copa das Confederações

Apesar de já existir há 23 anos, a Copa das Confederações só passou a ser considerada como um torneio oficial a partir da edição de 1997, quando a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) tomou à frente da organização do evento (GLOBOESPORTE.COM, 2009).

Antigamente conhecida como a Copa do Rei Fahd, o torneio começou em 1992 na Arábia Saudita e contou com a participação de quatro seleções: a afitriã Arábia Saudita (campeã regional da Ásia de 1988), Argentina (campeã da Copa América de 1991), Costa do Marfim (campeã da Copa das Nações Africanas de 1992) e Estados Unidos (campeão da Copa Ouro CONCACAF de 1991). Naquela época, a Seleção

Argentina tinha como seus destaques Batistuta, Redondo, Caniggia e Diego Simeone, que venceram a anfitriã na final. Os estadunidenses ficaram com o terceiro lugar.

Três anos mais tarde, tendo novamente como sede a Arábia Saudita, outras duas seleções (campeãs regionais da Europa e da Ásia) estavam na competição, totalizando agora seis participantes. Arábia Saudita e Argentina disputavam o torneio pela segunda vez, que também contou com Dinamarca, Japão, México e Nigéria. Nesta edição de 1995, pela primeira vez, foi utilizado o esquema de fase de grupos. Argentinos e dinamarqueses chegaram à final, mas a campeã da Eurocopa 1992 foi quem ficou com a taça.

Em 1997, a FIFA assumiu a organização da competição. Rebatizado para Copa das Confederações, o torneio ganhou um novo formato – que prevalece até hoje –, agora com oito seleções participantes, incluindo o último campeão da Copa do Mundo, que, em 1994 foi a Seleção Brasileira. Além do campeão da Copa do Mundo e da Arábia Saudita, que novamente sediou o torneio, participaram México, Austrália (campeã da Copa da Oceania), Uruguai, África do Sul, Emirados Árabes Unidos e, por fim, a República Tcheca, vice-campeã da Eurocopa, já que a vencedora Alemanha desistiu. A seleção brasileira levantou, pela primeira vez, a taça de campeã da Copa das Confederações ao ganhar da Austrália na final.

A segunda edição da Copa das Confederações – com o novo nome dado pela FIFA – aconteceu em 1999, no México, e teve três seleções substituídas. A primeira foi a Seleção Brasileira, que assumiu a vaga como vice-campeã da Copa do Mundo de 1998, já que a França, última campeã, desistiu da competição. Porém, o Brasil também havia ganhado a Copa América, então a vaga de vencedor da América do Sul ficou com a Bolívia, vice-campeã.

A mesma coisa aconteceu com as seleções Mexicana e Americana: aquela já ocupava a vaga de país-sede, mas também era campeã da CONCACAF, então esta, por ser a vice-campeã, foi chamada para a Copa das Confederações. Alemanha, Arábia Saudita, Egito e Nova Zelândia também estavam na disputa. As semifinalistas foram: México (1) x Estados Unidos (0) e Brasil (8) x Arábia Saudita (2). O “caneco” de

campeão ficou com os mexicanos, que marcaram 4 gols contra 3 da Seleção Brasileira. Ronaldinho Gaúcho foi o artilheiro e o craque do torneio.

A Copa das Confederações de 2001 deu início a um momento importante para o Brasil. Após o fracasso durante o torneio – os convocados não foram os principais jogadores, já que eles atuavam no exterior –, o técnico, que na época era Émerson Souza Leão, foi demitido e substituído por Luíz Felipe Scolari, cujo grande feito foi comandar a Seleção Brasileira no pentacampeonato em 2002. Na época, houve especulações de que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não levou à sério a competição e estimulou Leão a convocar uma seleção “reserva”.

Com relação à Copa das Confederações 2001, a FIFA decidiu que, a partir dali, o torneio serviria como evento-teste para a Copa do Mundo, que, no ano seguinte, seria sediada no Japão e na Coreia do Sul, mas o modelo só se firmou em 2005 (DIÁRIO DO NORDESTE, 2013).

Exatamente 63 anos depois do “fantasma de 50”³, o Brasil estava prestes a receber novamente uma Copa do Mundo. Como evento-teste, a Copa das Confederações foi realizada em 2013, entre 15 e 30 de junho, nas sedes de Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e Salvador. Esta edição da Copa das Confederações é o pano de fundo para a análise que será feita no presente trabalho.

4.2 A saga do espetáculo de 2013

O jogo de abertura do torneio aconteceu no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, entre Brasil e Japão, no dia 15 de junho de 2013. A data foi um divisor de águas para a Seleção Brasileira. O desempenho e o rendimento não estavam agradando àqueles que assistiam ao jogos e ganharam o foco da imprensa.

Desde a eliminação na Copa do Mundo de 2010 pelos holandeses, a Seleção Brasileira andava desacreditada. Faltava a genialidade, o improviso e o futebol

³ Tudo começou com a expressão Maracanazo (em português, Maracanaço), utilizada pelos uruguaios após a derrota da Seleção Brasileira, no Maracanã, na Copa do Mundo de 50, sediado no Brasil. O “Fantasma de 50” foi criado para uma ação publicitária, a qual mostra um fantasma vestido de azul com o número 50 nas costas dentro do Maracanã.

“moleque” – características valorizadas no discurso da mídia brasileira (HELAL, 2003, p. 20) – aos jogadores que vestiam a camisa amarela. A torcida e o portal apontavam o baixo rendimento de Neymar e o chamavam de “pipoqueiro”⁴, conforme o *Globoesporte.com* (2013) noticiou “Antes do empate de 2 a 2 contra a Itália, ele levantou uma faixa na arquibancada com os dizeres: ‘Neymar pipoqueiro’. O jogador não vinha rendendo bem na Seleção Brasileira, mas acabou participando dos dois gols do Brasil no clássico”.

A pontinha de esperança surgiu nas Olimpíadas de Londres, em 2012, quando a seleção conseguiu avançar até a final. A medalha de ouro do futebol era a que faltava no quadro brasileiro. Com Neymar recém-campeão da Libertadores, acendia-se uma luz no fim do túnel, já que ele foi apontado como o principal jogador do tricampeonato santista. Dizia a crônica do *Globoesporte.com* após a final: “Neymar brilha, meninos da Vila fazem história e Peixe leva tri da Libertadores.”.

Em 11 de agosto de 2012, a Seleção Brasileira entrava em campo para disputar a medalha de ouro com os mexicanos. Com cinco vitórias, a esperança era de que os brasileiros obtivessem mais um sucesso, porém a derrota veio, por 2x1, e a medalha de prata foi inevitável. Após o jogo, o *Globoesporte.com* responsabilizou as falhas individuais:

A esperança de que a geração de Neymar & cia. conquistasse o título que falta à galeria da Seleção era grande, mas o México, com um time bem entrosado, começou a acabar com o sonho verde e amarelo de maneira relâmpago. (*Globoesporte.com*, 2012)

⁴ Os torcedores e o portal referiam-se à forma como Neymar reagia ao sofrer faltar em campo, sempre pulando para não ser atingido ou lesionado.



Fim! Neymar, o principal astro da Seleção Brasileira, desaba no gramado de Wembley (FOTO: AFP)

Às vésperas do jogo de estreia da Copa das Confederações de 2013, o *Globoesporte.com* focava o baixo rendimento do jogador pela seleção e, conseqüentemente, abordava o jejum de gols. Neymar só resolveu se explicar dois dias antes do primeiro jogo e alegou que o entrosamento com os jogadores era diferente. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Neymar está há 842 minutos sem marcar gols. Se chegar aos sete minutos do segundo tempo do confronto diante do Japão, no próximo sábado, no Mané Garrincha, sem balançar a rede, atingirá a pior marca da carreira. Questionado sobre o assunto, o jogador afirmou que a marca negativa não vai mudar em nada a sua carreira. (*Globoesporte.com*, 2013)

Na estreia, brasileiros e japoneses se enfrentaram num jogo importante para Neymar: estava nele a esperança para a volta do futebol ousado, arte e malandro. Neymar entrou em campo sério, concentrado e jogou mais solto do que nas partidas anteriores. Perto dos três minutos do primeiro tempo, o jejum se encerrava: depois nove jogos sem marcar, gol de Neymar, que acabara de acertar seu contrato com o Barcelona. Após Fred tentar dominar de peito, a bola sobrou, e o novo camisa 10 bateu de primeira, marcando um golaço e batendo recorde de gol mais rápido em edições da Copa das Confederações. Felipão, o grande defensor do garoto, comemorou assiduamente do banco de reservas. Em poucos instantes, diversos jogadores famosos comemoraram o gol de Neymar, como Robinho, Adriano e o jogador da Itália, Balloteli. Na etapa final

do jogo, Paulinho fez o segundo do Brasil, e Jô, o terceiro. Vitória brasileira por 3x0, porém a Seleção ainda precisava se mostrar firme ao encarar um adversário de peso. Ao fim da partida, Neymar, que foi substituído após uma bancada, foi eleito pela FIFA o melhor jogador em campo e além de ser o terceiro jogador brasileiro a marcar o primeiro gol de uma Copa das Confederações.

O próximo jogo da Seleção Brasileira aconteceu em Fortaleza, em 19 de junho. Na disputa, os mexicanos, que haviam vencido a disputa pela medalha de ouro em Londres, no ano anterior, contra o time olímpico do Brasil. No início da partida os brasileiros receberam uma injeção de ânimo e puderam contar com milhares de outros jogadores: o hino cantado a plenos pulmões dentro da Arena Castelão. “Uma vitória garantida antes de a bola rolar, quando o povo ignorou o protocolo que só toca 50 segundos do Hino Nacional, e, na garganta, de peito aberto e orgulhoso, entoou palavra por palavra até o ‘Pátria amada, Brasil’”, contou o *Globoesporte.com*. Com Neymar inspirado e regendo o coro da torcida brasileira, o placar foi aberto por ele mesmo, aos oito minutos do primeiro tempo, com outra bola batida de primeira, mas, dessa vez, com a perna esquerda, para balançar as redes. Inspirado com o clima de manifestações na rua, o camisa 10 não poupou e manifestou todo o seu futebol, com habilidade, inteligência e senso de posicionamento. Ele estava exatamente no lugar em que deveria estar quando a bola sobrou após Rodríguez cortar cruzamento de Daniel Alves. A Cafusa, bola da Copa, parou em seu pé esquerdo, mas isso não foi problema para o craque, que encheu o pé e bateu direto. O resultado de tanta inspiração? Dribles e uma bela atuação. A Seleção saiu de campo no primeiro tempo aplaudida e, na volta, segurou o ritmo mais acelerado dos mexicanos, que driblaram e incomodaram bastante, mas não conseguiram evitar o empate. Quase no fim da partida, Neymar fechou com chave de ouro sua atuação ao driblar os zagueiros e deixar Jô na cara do gol. Brasil 2 x 0 México, garantindo a vaga nas semifinais. O camisa 10 foi eleito novamente pela FIFA como o melhor jogador em campo.

No terceiro desafio, os dois maiores campeões de Copas do Mundo estavam em campo em um jogo de seis gols. Brasil e Itália se enfrentaram para saber quem escaparia da favorita Espanha nas semifinais. Mesmo com a vaga já garantida, os jogadores brasileiros levaram à sério o espírito do jogo em Salvador e saíram na frente com gol de Dante após rebote do goleiro Buffon. Com uma atuação menos chamativa, Neymar

ainda auxiliou bastante o time em busca da vitória e foi incomodado pelos jogadores italianos, mas também incomodou e fez faltas. Ao todo, foram 21 faltas em um jogo de sangue quente. Na volta do segundo tempo, os italianos empataram com Giaccherini, mas, logo em seguida, Neymar cobrou falta marcada em cima dele na entrada da grande área e fez o segundo gol do Brasil, uma pintura, o primeiro gol de falta da Seleção desde 2011. Após dois jogos, Fred marcou o terceiro para os brasileiros. Chiellini ainda diminuiu para os italianos, mas Fred marcou novamente, encerrando a partida com Brasil 4 x 2 Itália. Ainda que não tenha jogado tão bem como nos outros dois jogos, Neymar soube virar um “gigante” carrancudo para esfriar o sangue quente da Azzurra e ser eleito, pela terceira vez consecutiva, o melhor jogador em campo.

Nas semifinais, um velho conhecido. Brasil voltava a encontrar a Seleção Uruguaia. Num jogo difícil em Belo Horizonte, em que a Seleção Brasileira demorou para chegar à área do rival, o goleiro Júlio César evitou que a Celeste saísse na frente ao defender o pênalti batido por Forlán. Neymar engrandeceu. O placar só foi aberto quase no fim do primeiro tempo com gol de Fred, que pegou o rebote do goleiro Muslera após defender chute de Neymar. Porém os uruguaios já voltando para o segundo tempo fazendo o gol de empate, com Cavani. O placar permaneceu assim, em 1x1, até os 40 minutos da fase final da partida, quando Paulinho decidiu de cabeça, numa cobrança de escanteio certeira de Neymar. Brasil – na final – 2 x 1 Uruguai.

Rio de Janeiro, Estádio do Maracanã. Eis que chegava o grande momento do evento-teste da Copa do Mundo: a grande final. No palco, brasileiros e espanhóis se enfrentaram num jogo histórico, já que a Espanha estava invicta a 29 partidas oficiais. David Luiz talvez tenha sido o responsável por permitir a vitória brasileira, quando defendeu um chute de Pedro em cima da linha. Tudo poderia ter mudado naquele instante. O Brasil já estava na frente com um gol de Fred. O centroavante ganhou de Casillas ao chutar deitado dentro da pequena área. A Seleção Brasileira não deu espaço pro *tic-tac*⁵ da "Roja". Neymar, que não havia feito gol no jogo passado, participava de todos os ataques na tentativa de deixar seu gol naquela final. Aproveitou troca de passes espetacular e inteligente com Oscar na grande área e chutou forte, de perna esquerda, no ângulo, sem chances para o goleiro Casillas. “Neymar foi infernal como poucos sabem

⁵ Expressão dada a grande posse de bola e passes curtos da Seleção Espanhola.

ser”, abordou o *Globoesporte.com* sobre a atuação do garoto. A Seleção da Espanha parecia atordoada e não conseguia se encontrar em campo. A favorita foi superada pela seleção pentacampeã do mundo. Na volta do segundo tempo, Fred deixou novamente sua marca, após Neymar, numa jogada inteligente, deixar a bola passar direto para o camisa 9, fechando o Brasil 3 x 0 Espanha. A garotada brasileira, que começou o torneio desacreditada, fez a Seleção Brasileira, comandada com Felipão, levar a taça da Copa das Confederações pela quarta vez.

4.3 A análise

Após a apresentação do pano de fundo presente nas nossas narrativas, faz-se necessário abordar como se deu o processo de seleção das histórias que serão analisadas à luz de três dos cinco movimentos (primeiro, terceiro e quarto) sugeridos por Motta (2005), como já mencionados anteriormente.

A análise será feita a partir de matérias veiculadas no portal *Globoesporte.com* entre 15 de junho 2013 e 1º de julho de 2013, período em que aconteceu a Copa das Confederações. Desta forma, o estudo poderá analisar a cobertura feita pelo portal em relação ao jogador Neymar desde o primeiro jogo da Seleção Brasileira.

O *Globoesporte.com* é um portal de notícias esportivas vinculado às Organizações Globo. Além das matérias do programa televisivo Globo Esporte, o portal também veicula notícias de outros programas esportivos da Rede Globo, como Auto Esporte e Esporte Espetacular. Além das matérias, o *Globoesporte.com* também transmite jogos em tempo real de campeonatos nacionais e internacionais.

Em 2005, quando foi lançado, era chamado de *Esporte na Globo*, mas desde 2006 assumiu o nome *Globoesporte.com*. Em 2012, de acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), o site consolidou a liderança na audiência do mercado de esportes na internet brasileira com 22,1 milhões de visitantes mensais (FOLHA DE SÃO PAULO, 2012)

Para a análise da narrativa jornalística sobre Neymar nas matérias veiculadas pelo *Globoesporte.com* sobre a Copa das Confederações 2013, criou-se um filtro no

intuito de separar as matérias, já que, durante o evento, a quantidade de notícias publicadas era incontável. Foram escolhidos os três primeiros materiais – ordem cronológica –, que, de acordo com Motta (2005) sejam fundamentais e que impliquem em mudança nos rumos da história, divulgados após cada partida os quais:

- a) Abordassem jogos da Seleção Brasileira
- b) Explorassem o desempenho de Neymar durante a partida
- c) Divulgados nas editoriais Copa das Confederações ou Seleção Brasileira do portal *Globoesporte.com*
- d) Neymar no título ou subtítulo da matéria e da crônica

Assim, pensando na seleção das matérias que se encaixassem perfeitamente nos critérios citados acima, atentou-se para o fato de que o portal *Globoesporte.com*, por meio de seus jornalistas, transmite e comenta cada partida numa página criada exclusivamente para tal fim.

Ao fim do jogo, é feita uma crônica, a qual aborda não só o acontecimento do jogo, mas que comenta os gols, os principais lances e o desempenho individual e coletivo. Esse é o primeiro material divulgado após os jogos. Com isso, chegamos a cinco crônicas que foram publicadas após os jogos da Seleção Brasileira contra Japão, México, Itália, Uruguai e Espanha, datadas de 15, 19, 22, 26 e 30 de junho, respectivamente.

Data	Partida	Título da Crônica
15/06	Brasil x Japão	Seleção encontra “antídoto” para vaias e derrota o Japão na estreia
19/06	Brasil x México	Com multidão contra 11, Brasil vence, tem show de Neymar e se classifica

22/06	Brasil x Itália	Fred desencanta, Brasil “esfria” sangue quente da Itália e garante liderança
26/06	Brasil x Uruguai	Neymar manda beijos, Paulinho decide, Brasil bate Uruguai e vai à final
30/06	Brasil x Espanha	O campeão voltou! Brasil atropela a Espanha no Maracanã: 3 a 0

Além disso, foram selecionadas outras duas matérias veiculadas após as crônicas referente a cada partida. As notícias abordadas nos dias anteriores ou seguintes aos jogos e que não se encaixam nos critérios estabelecidos foram desconsideradas, com exceção dos dias 27 de junho, um dia após Brasil x Uruguai, quando Neymar não marcou gols e poucas matérias foram veiculadas; e 1º de julho, já que o jogo da final terminou quase no fim da noite do dia 30 de junho. Dessa forma, temos:

Data	Partida	Título da Matéria
15/06	Brasil x Japão	Eleito melhor em campo, Neymar diz que individualidade é na hora certa
		Neymar vira 'maestro', e Brasil tem 90 minutos de sintonia com a torcida
19/06	Brasil x México	Eleito 'o cara' do jogo novamente, Neymar admite favoritismo brasileiro

		Felipão trata Neymar de fantástico e o lista entre os três melhores do mundo
22/06	Brasil x Itália	Neymar é eleito pela terceira vez consecutiva o melhor do jogo
		Felipão volta a elogiar Neymar e diz: 'Brasil está preparado para semifinal'
26 e 27/06	Brasil x Uruguai	Neymar ignora provocação de Lugano: 'Não vai me atingir'
		Neymar: 'Queremos cravar os nossos nomes na história do Maracanã'
30/06 e 1º/07	Brasil x Espanha	Neymar é eleito o melhor do torneio, e Julio César ganha a 'Luva de Ouro'
		Baile, golaço, inteligência e cara feia: prazer, Espanha, este é Neymar

4.3.1 1º Movimento

A crônica que “abre” a cobertura pós-jogo do *Globoesporte.com* sobre a Seleção Brasileira na Copa das Confederações de 2013 já inicia sua narração abordando logo no subtítulo: camisa 10 encerra o jejum. Mesmo que tenha relatado em algumas matérias a má fase do jogador, o portal aparenta ter uma preocupação com relação à imagem de Neymar torcida. O que estava acontecendo é que Neymar não vinha suprimindo as expectativas dos torcedores, já que estava jogando mal pela Seleção. O jogador não estava se destacando, “salvando” as partidas, “carregando” o time nas costas, como era esperado dele – o *Globoesporte.com* abordava traços em matérias passadas sobre o jogador, como na Libertadores de 2011, que levavam o leitor a acreditar que ele era o “salvador” de partidas, conforme comprovou Freire (2011).

A partir do primeiro jogo da Seleção Brasileira na Copa, aquele momento de pessimismo se rompeu logo no início da partida, quando Neymar fez o primeiro gol

contra o Japão. Motta (2005) coloca que a situação inicial de uma narrativa é caracterizada pela “falta ou excesso de alguma coisa”. Nesse caso, era a falta, o jejum de gols. Foram nove partidas sem gol, como o próprio portal fez questão de lembrar mais de uma vez. A situação inicial se dá justamente com a quebra desse jejum. Foi o momento de ruptura, de descontinuidade. Era uma situação negativa até que algo aconteceu para modificá-la, nesse caso, a melhora do desempenho (C. BREMOND 1971, *apud* MOTTA, 2005, p. 49).

O desempenho ruim de Neymar era algo não-familiar para os torcedores. Era algo que causava estranhamento tal qual explica Motta (2005, p. 50): “Costumamos relacioná-la ao acaso, ao azar, à fatalidade, àquilo que surpreende porque rompe com os sentidos e os estados estáveis da vida”. Como ele vinha num histórico de não jogar bem durante diversas partidas, aquilo causou estranhamento, e o *Globoesporte.com* reforçou a importância que teve aquele gol de Neymar, exaltando-o. A forma como o portal repercutiu tal informação nos dá a impressão de que aquela bola acertando a rede foi um gol de Neymar, para Neymar, e não um gol para a Seleção Brasileira.

Isso, de certa forma, vai guiando o leitor a ir resolvendo mentalmente aquela situação de ruptura. É como se o leitor fosse orientado a “fazer as pazes” e “ficar de bem” com o jogador. Desse modo, como o diz Motta (2005, p. 51), o “acontecimento jornalístico remete imediatamente o leitor aos mundos possíveis, solicita soluções, encaminhamentos, demanda posições”, ou seja, a narrativa vai sugerindo que o leitor faça conexões ao abordar, por exemplo, que Neymar é o principal jogador ou que o Barcelona o contratou recentemente.

A crônica publicada tem o intuito de avaliação da partida e dos jogadores. De início, apresenta a comparação entre o time de antes e o que acabara de sair de campo. Inevitavelmente, tal comparação remete ao baixo desempenho de Neymar, já que o portal o elegeu várias vezes como o principal jogador da Seleção após a Copa do Mundo de 2010, ou seja, o autor já começa a fazer com que o leitor recorra à sua memória biográfica, fazendo conexões com outras matérias referente a outros jogos em que Neymar não foi bem. No título, “Seleção encontra ‘antídoto’ contra vaias e derrota o Japão na estreia”:

A seleção brasileira parece ter encontrado o antídoto certo contra as vaias: rapidez. Depois de ser vaiada na maioria dos jogos que fez em solo brasileiro nos últimos tempos, havia uma preocupação de Felipão para a estreia na Copa das Confederações, em Brasília, neste sábado. (*Globoesporte.com*, 2013)

Porém a preocupação persiste em narrar os fatos de uma forma que vá fazendo com que o leitor perceba e assimile a melhora. A imagem do jogador é importante, mas a boa imagem de Neymar é algo quase indispensável para o portal, que busca enfatizar a questão do futebol arte e ousado jogado pelo camisa 10 da Seleção, aspectos que são vistos como “tipicamente brasileiros” (HELAL, 2003, p. 22).

Ao ler a sequência de matérias, temos até a ligeira impressão de que o *Globoesporte.com* já sabia que o Brasil seria tetracampeão da Copa das Confederações e queria garantir que a “joia brasileira” tivesse o título de herói dos jogos, da conquista, de cada gol. A expressão “golaço” associado a Neymar é constantemente repetida nas narrativas analisadas, o que permite ao leitor focar nesse novo momento e esquecer as atuações ruins.

O leitor, ao receber uma informação, irá confrontá-la com as que já existem em sua vida, adquiridas de acordo com suas vivências e experiências, e isso influenciará na maneira como a informação é processada por ele. Ao começar a acompanhar as narrativas do *Globoesporte.com* sobre a Copa das Confederações de 2013, esse leitor irá se deparar com dezenas de matérias diárias, além das outras que ele já leu. As informações que recebe com relação ao desempenho de Neymar no torneio vão guiando o seu entendimento para o rumo desejado pelo portal: a melhora do jogador, os gols, as eleições, dribles, etc. por meio da rememoração. Utilizando o recurso de *flashback* nas matérias, o portal enfatiza informações “antigas”, mas não só com intuito de relembrar o leitor, e sim de permitir que este vá conectando o discurso empregado pelo site. Como já sugeria Motta (2005, p.53), o *flashback* “na maior parte das vezes revela conexões fundamentais do fio da narrativa que é preciso identificar”. Na passagem abaixo, o portal aborda a terceira eleição de melhor jogador da partida e relembra que o fato também aconteceu nos últimos dois jogos.

Premiado nas vitórias por 3 a 0 sobre o Japão, em Brasília, e 2 a 0 diante do México, em Fortaleza, o camisa 10 chegou a três gols no torneio. Sob o comando

do treinador Luiz Felipe Scolari, vive sua melhor fase na Seleção e até brinca com o chefe. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Além da rememoração, há também o efeito de retardamento e de antecipação de informações. Ao retardar, o jornalista ganha a oportunidade de escrever uma outra narrativa com aquela nova informação. Nas vezes em que foi eleito melhor jogador em campo, o fato não foi citado na crônica de jogo, e sim em uma matéria intitulada com o feito, por exemplo. Já a antecipação acaba gerando expectativa, tensão, nervosismo, ansiedade ou medo, que são importantes para a narrativa.

A perturbação como situação inicial, a transformação como desenvolvimento e a resolução como epílogo.

4.3.2 3º Movimento

O estudo do terceiro movimento da análise da narrativa jornalística, que diz respeito à reconstrução das personagens, será feita com base no discurso utilizado pelo *Globoesporte.com* sobre o personagem Neymar. Conforme já abordamos, é de extrema importância salientar que a análise é feita a partir de um conjunto de narrativas as quais constroem seus personagens. O Neymar que será analisado no trabalho é apenas um recorte, uma criação feita a partir das intenções de um narrador, e não a pessoa real.

É sempre importante esclarecer que a análise recairá sobre uma personagem, porque as personagens possuem representantes reais, pessoas de verdade, o que acaba confundindo o leitor. O que acontece é que eles tendem a compreender que aquele ser da representação da mídia é exatamente o indivíduo real porque personagens representam pessoas de verdade. Iremos analisar uma versão da realidade, não o fato verdadeiro.

O intuito da análise é, como diz Motta (2005, p. 95), “concentrar-se na observação das personagens, na sua construção ou caracterização, no seu dinamismo funcional, no seu discurso” para compreender como a personagem Neymar foi construída dentro do período da Copa das Confederações 2013 e o que ela fez durante a narrativa jornalística selecionada.

Conforme o personagem Neymar é apresentado nas matérias em que analisamos, pudemos observar a progressão com relação ao seu desempenho. Inicialmente, o fato de ele ter passado nove jogos sem marcar gols foi repetido, o que era algo incomum para alguém como ele, o principal jogador da Seleção. Essa informação/característica também é reforçada por diversas vezes, dando até a impressão de que Neymar é o único que consegue se sobressair nas partidas.

Para valorizar ainda mais o personagem, o portal aborda informações que são consideradas valiosas e de grande importância para os leitores. “Recém-negociado com o Barcelona, Neymar fez um golaço aos três minutos de jogo, acabando com um jejum de nove partidas sem marcar”. Em apenas uma frase, o autor aborda três fatos importantes: a transferência para o futebol europeu – desejo de todo jogador –, especificamente para o Barcelona, um dos grandes clubes do continente, com um elenco forte; pôs um fim a sua fase de jejum, o que gerou a situação inicial da narrativa; e marcou um golaço logo no início do jogo, na estreia da Copa das Confederações.

A questão do fim do jejum diz muito sobre a construção da personagem. Como aborda Motta (2005, p.88):

o princípio orientador da análise que propomos [...] pressupõe que a recepção das notícias diárias remete leitores e ouvintes primordialmente para o mundo fático, mas não impede a experiência mais ou menos fugaz de um distanciamento imaginário que paradoxalmente esvaece o mundo fático, liberando o sujeito do seu mundo de vida.

Como vimos em Campbell (1997), o herói é aquele capaz de superar os obstáculos considerados intransponíveis por outros, trazendo, assim, a glória para o seu povo. Com o fim do jejum, o *Globoesporte.com* repete a informação, mostrando para os leitores que ele é capaz de se superar, de ultrapassar as dificuldades e de dar aos torcedores a alegria de um título pela seleção principal.

Com relação às categorias para distinção e hierarquização das personagens abordada por Motta (2005) citando Reuter (2002), temos a qualificação diferencial, a funcionalidade diferencial, a distribuição diferencial, autonomia diferencial, pré-designação convencional e o comentário explícito do narrador a propósito da personagem.

Sobre a qualificação diferencial, que identifica as qualidades relacionadas ao personagem, o portal atribuiu a Neymar grandes qualidades, exaltou-as e deu ênfase a elas nas suas narrativas, como a questão do “brincar de bola”, o que remete ao futebol moleque, ao jogo fácil, além abordar a seriedade e concentração de Neymar antes jogo, os dribles, a genialidade, inteligência, velocidade, etc, como na matéria:

Baile, golazo, inteligência e cara feia: prazer, Espanha, este é Neymar. Atacante não dança em comemoração, mas tira espanhóis para bailar em atuação de gala na decisão contra parceiros do Barça e rivais do Real. [...] Casillas, capitão do título mundial, um dos ícones desta geração, nem viu por onde passou o foguete que saiu do pé esquerdo do craque. Craque mesmo. Não é qualquer um que dá passinhos para trás com tanta velocidade para sair do impedimento e receber de Oscar. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Já na segunda categoria é abordado a questão da funcionalidade diferencial relativa ao seu papel na história, ou seja, o que a personagem faz na narrativa (as ações). Nos três primeiros jogos da Seleção, Neymar marcou três gols e auxiliou sua equipe em campo. O narrador os abordou e os enfatizou como três gols. Primeiro, na crônica sobre o jogo entre Brasil e Japão:

Marcelo deu belo lançamento para Fred. O atacante tentou matar no peito e acabou ajeitando para Neymar bater de primeira e ver a Cafusa, a bola da competição, entrar no ângulo esquerdo de Kawashima. Golazo! Do banco de reservas, o técnico Felipão, o maior protetor do jogador do Barcelona nas últimas semanas, comemorou: “Tá lá!”.

Depois na crônica do jogo entre Brasil e México:

Ele estava no lugar certo quando Rodríguez cortou cruzamento de Daniel Alves. A bola sobrou para seu pé esquerdo. Ué, mas o golazo contra o Japão não havia sido de direita? Sim. E desde quando esse detalhe é problema para o craque? Mais um golazo, de primeira, agora de canhota.

Por fim, na crônica de Brasil e Itália:

Neymar ajudou a decidir um dos principais clássicos do futebol mundial, entre os maiores vencedores de Copas do Mundo. E com nova obra-prima em seu repertório já vasto na Seleção, uma cobrança de falta certa, que fez o legendário Buffon ficar pregado no chão.

Ainda sobre o fazer da personagem, também nesses três jogos Neymar foi eleito pela FIFA o melhor jogador da partida⁶, que é um prêmio concedido pela entidade ao

⁶ O homem da partida é eleito pelos espectadores do jogo no estádio e em casa, via twitter.

jogador que mais se destacou em campo. A importância que a eleição tem não pertence ao prêmio em si, mas ao significado que ela emprega ao vencedor. Dentre 22 jogadores de uma partida, Neymar foi o escolhido pela determinação, pelo futebol apresentado, por dar condições de jogo ao time, ou seja, pelo que a personagem fez dentro de campo. Sobre isso, há dois fatos importantes de serem destacados sobre a narrativa com relação à abordagem desse prêmio. Ao ser eleito pela segunda vez, o narrador destaca não só a importância individual e coletiva de Neymar, mas também enfatiza a genialidade do gol e do drible para a assistência, comparando com o Rei das Pedaladas⁷.

Eleito ‘o cara’ do jogo novamente [...]. Craque deixa a sua marca e dá assistência na vitória sobre o México por 2 a 0. Neymar vem definitivamente mostrando a sua cara para o mundo do futebol. Em sua primeira competição de grande repercussão pela seleção brasileira, o camisa 10 foi eleito o melhor em campo pela segunda vez consecutiva e teve papel preponderante na vitória do Brasil por 2 a 0 sobre o México. Com um gol e uma assistência, o craque acha que o time inteiro plantou esse bom momento na Copa das Confederações. Perguntado sobre a semelhança do lance do segundo gol - fez jogada espetacular no meio de dois zagueiros antes de dar passe na medida para Jô marcar - com os dribles de Robinho na goleada por 5 a 0 sobre o Equador, em 2007, Neymar adotou discurso humilde. Para ele, a obra-de-arte de seu ídolo tem mais valor no ‘mercado’.

Já no jogo contra a Itália, quando Neymar ganhou o prêmio pela terceira vez, o narrador minimizou o fato de Fred ter feitos maior números de gols destacando e lembrando os outros dois prêmios do camisa 10.

Neymar é eleito pela terceira vez consecutiva o melhor do jogo. Mesmo com os dois gols de Fred, camisa 10 leva o prêmio da Fifa. Nos dois outros confrontos do time canarinho na primeira fase, ele já tinha sido o escolhido. Pela terceira vez na Copa das Confederações, o atacante Neymar foi escolhido pela Fifa o melhor jogador em campo. Autor do segundo gol da vitória do Brasil por 4 a 2 sobre a Itália, neste sábado, na Arena Fonte Nova, em Salvador, pela última rodada do Grupo A, o craque fez questão de dizer que o entrosamento da Seleção pesa para seu rendimento (GLOBOESPORTE.COM, 2013).

Com relação à terceira característica, Reuter (2002) indica nesse ponto um momento relacionado às aparições e às durações destas, que podem ter sido maiores ou menores. Seguindo a evolução e as conexões que o narrador sugere desde os momentos

⁷ Apelido dado a Robinho após o jovem garoto pedalar oito vezes na frente do o lateral corinthiano Rogério na final do Campeonato Brasileiro de 2002. <http://www.robinhooficial.com.br/biografia/#!/surge-o-rei-da-pedalada> link acessado em 12 de junho de 2015

iniciais da narrativa, podemos observar que nos três primeiros jogos, Neymar teve mais destaque, já que, de acordo com o narrador, ele “brincou de jogar bola”, ou seja, teve melhor desempenho. No jogo Brasil x Uruguai, uma partida difícil, bem marcada, na qual o Brasil demorou para chegar à área do adversário, segundo o narrador, Neymar não conseguiu fazer gols. Porém tal fato não impediu que o jogador tivesse seu papel de destaque dentro da partida. O *Globoesporte.com* destacou os lances dos quais ele participou, focando nos passes e nas finalizações da personagem.

E bastou que ela passasse pelos pés de quem a trata melhor para chegar ao centroavante. O lançamento de Paulinho, o domínio e o chute de Neymar entortaram a firme marcação dos bicampeões mundiais. Muslera defendeu a primeira tentativa, mas ela sobrou para Fred. Quietinho, mineirinho, no lugar certo como sempre. Certo como sempre: 1 a 0. [...] Foram duas cobranças de escanteio. Na primeira, Neymar foi provocado por Alvaro González e mandou beijinhos ao uruguaio. Na segunda, aos 40 minutos, mandou um golpe no peito de toda Celeste, uma bola na cabeça de Paulinho. A cabeça, que tantas alegrias já deu ao Corinthians, dessa vez alegrou o Brasil. E o camisa 10, com a "dívida" paga, deixou o gramado nos acréscimos, aplaudido no mesmo estádio que o vaiou no amistoso contra o Chile, há dois meses. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Mesmo sem repetir as boas atuações dos últimos jogos, quando foi eleito três vezes seguidas o melhor em campo pela Fifa, Neymar participou dos lances decisivo do jogo: finalizou para Fred marcar no rebote o primeiro gol, e deu a assistência para Paulinho decretar a vitória nos minutos finais. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

A quarta característica aborda o encontro com outros personagens, como e quando isso acontece. Observando as narrativas e buscando esse encontro com outros jogadores da Seleção, podemos destacar o aparecimento de Jô, no jogo entre Brasil e México. Este personagem entrou na narrativa após uma jogada inteligente, com dribles rápidos e um passe na medida para o gol do atacante que chegou à Copa de última hora, para substituir Leandro Damiano, cortado por conta de lesão. A personagem torcida também teve seu destaque ao ser “regida” por Neymar, no jogo Brasil e Japão, que pedia gritos de apoio a seleção. O estádio lotado respondeu de ponto.

A torcida, que já andava desconfiada do craque, que não marcava há nove jogos, veio abaixo. Na comemoração, quase todos jogadores do Brasil correram para abraçar Neymar. Quando o camisa 10, enfim, conseguiu se livrar de tantos abraços, olhou para torcida e, como um maestro, a regeu com os braços, sendo prontamente atendido. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

No confronto entre Brasil e Uruguai, surgem mais dois personagens: Gonzalez, o volante que ganhou beijos de Neymar após provocá-lo antes de uma cobrança de escanteio; e Lugano, que também o provocou antes do início do jogo.

Lugano provocou antes do jogo, Neymar respondeu depois. Após a vitória por 2 a 1 na tarde desta quarta-feira, no Mineirão, e a vaga na final da Copa das Confederações, o camisa 10 brasileiro abriu o sorriso para comemorar em tom de desabafo. Mas em vez de criticar o zagueiro uruguaio, ele preferiu ignorar as declarações do rival sobre simular faltas durante os jogos. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Já a quinta caracterização é responsável por identificar o *status* da personagem designado por meio dos traços físicos e das características salientadas pelo narrador. Dentre tantas, vale à pena destacar a que carrega em sua descrição um peso forte e que possui grande simbologia dentro da Seleção Brasileira: o camisa 10. A história dessa camisa não é igual a qualquer outra. Mais que um uniforme e um número, o *status* tem grande importância pois já pertenceu ao Rei Pelé, que, para muitos, é o maior jogador de todos os tempos. Ao associar a imagem de Neymar a camisa 10, o narrador estimula a rememoração à história de Pelé, algo que já acontecia dentro do Santos (FREIRE, 2011). Além dessa, também há craque, principal jogador, maestro, ‘o cara’, infernal.

Por fim, a sexta característica concerne à opinião explícita do narrador sobre a personagem que está sendo construída. Identificamos que tal opinião pode ser notada, principalmente, quando o narrador aborda, por diversas vezes, que Neymar é o principal jogador da Seleção Brasileira, que definiu a partida ou que foi fundamental para o bom desempenho da equipe, o que nos mostra que, para o narrador, o personagem é coração do time, é quem faz a seleção funcionar.

A construção do personagem feita pelo narrador acontece de forma gradual e vai se desenvolvendo ao longo da narrativa, mas o que dá prosseguimento à história são as ações desempenhadas pelo personagem. É por meio desses atos que o narrador vai buscando características para ir construindo aquela imagem. Tais fatos são abordados por Reuter (2002, *apud* MOTTA, 2005, p.95), afirmando que “as personagens vivem e realizam as ações, são elementos chave na projeção da história e na identificação dos leitores com o que está sendo narrado: toda história é história de personagens”.

Nas narrativas do *Globoesporte.com*, o narrador vai aproveitando as ações de Neymar para ir juntando elementos que o auxiliem no trabalho de construção da imagem. Como a personagem não é alguém puramente ficcional, já que a narrativa se trata de um fato fático, um acontecimento real, o narrador não pode criá-la ao seu gosto, arbitrariamente, sem o amparo das ações do acontecimento real. Não se trata de uma

narrativa literária, logo “a personagem jornalística guarda uma relação estreita com a pessoa, com o ser real objeto da narração” (MOTTA, 2005, p. 102).

Os gols, o talento e o desempenho de Neymar durante a Copa das Confederações 2013 foram fundamentais para que o narrador pudesse ir construindo sua personagem, pois ela “é construída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela faz” (HARMON, 1983, *apud* MOTTA, 2005, p. 95). Com isso, o narrador foi abordando tais aspectos em sua narrativa de forma que se assemelhassem com a trajetória do herói de Campbell. (1997). A convocação para a Copa das Confederações foi o chamado, o fim da fase de jejum foi narrado como uma prova de que ele poderia superar todos os obstáculos.

O trecho “Do banco de reservas, o técnico Felipão, o maior protetor do jogador do Barcelona nas últimas semanas, comemorou: ‘Tá lá!’”, permite a associação à fase da trajetória do herói chamada de “O auxílio sobrenatural”, quando há o encontro com uma figura protetora, que nos lembra muito o ancião abordado por Campbell (1997) que auxilia o herói nos obstáculos da aventura.

o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se. [...] não é tão incomum que o ajudante sobrenatural assuma a forma masculina. [...] Protetor e perigoso, maternal e paternal, a um só tempo [...]. O herói ao qual esse tipo de auxiliar aparece é, tipicamente, o herói que atendeu ao chamado O chamado foi, na verdade, o primeiro anúncio do aparecimento desse sacerdote iniciatório (CAMPBELL, 1997, p. 39).

Em outros trechos das demais matérias analisadas, pudemos identificar a retratação do herói pelo narrador ao citar as características de Neymar. Depois do primeiro jogo, a “batalha” ou a “aventura” do herói já havia começado. Em cada partida, Neymar foi abordado como um verdadeiro herói, dono de muita garra, talento, esforço, técnica e glória.

A vitória por 2 a 0 sobre o México, nesta quarta-feira, no Castelão, foi construída pelos pés do atacante, que marcou um gol e deu bela assistência para Jô fechar o placar. Para o comandante, não há dúvidas de que o camisa 10 está entre os três melhores do mundo e começa a vê-lo mostrar a qualidade dos tempos de Santos a serviço da Seleção. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Até nos jogos em que Neymar não rendeu tanto para o ataque, o narrador busca outros aspectos dele para por em evidência, como uma forma de mostrar para o leitor que Neymar é mais que apenas um bom atacante.

Ele também irritou e foi incomodado. Fez e sofreu faltas. Virou alvo preferido dos italianos, e foi duro num lance que tirou Abate da partida e da Copa das Confederações, por causa de uma lesão sofrida no ombro direito ao cair no gramado. Não foi seu melhor jogo, mas foi diferente. Cascudo, grande, histórico, como se exige quando Brasil e Itália se enfrentam. Ele também foi eleito pela terceira vez o melhor em campo e chegou a três gols na Copa das Confederações: um por jogo na primeira fase. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Mesmo sem repetir as boas atuações dos últimos jogos, quando foi eleito três vezes seguidas o melhor em campo pela Fifa, Neymar participou dos lances decisivo do jogo: finalizou para Fred marcar no rebote o primeiro gol, e deu a assistência para Paulinho decretar a vitória nos minutos finais. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Com o fim da Copa das Confederações 2013, a superação de todos os obstáculos, a vitória do herói que, depois de tanto lutar, trouxe a glória para o seu povo e voltou como homem renovado. Como observa Motta (2005, p.95), as “personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se frequentemente no eixo das histórias”. Na narrativa sobre a Copa das Confederações, Neymar tornou-se o centro não só da história como também da Seleção.

a) Neymar é eleito o melhor do torneio [...].O atacante Neymar foi eleito o melhor jogador da Copa das Confederações. Nos cinco jogos que disputou no torneio, Neymar foi eleito o melhor da partida em quatro oportunidades: Japão, México, Itália e Espanha. Além disso, foi fundamental para a conquista do tetracampeonato brasileiro no torneio. Foram quatro gols e duas assistências durante a Copa das Confederações. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

b) Suas vítimas preferidas no primeiro tempo foram os merengues. O duelo com Arbeloa fez o espanhol ser líder em menções no Twitter de seu país. No contra-ataque, o único recurso do lateral para impedir que Neymar avançasse livre contra Casillas foi derrubá-lo no meio-campo e levar cartão amarelo. O baile foi tamanho que ele nem voltou para o segundo tempo. [...] Sobrou orgulho. Neymar não é mais um menino. É um homem, e é campeão. Que tenha sorte em seu primeiro dia de Barcelona com os vices Piqué, Pedro, Busquets, Xavi, Iniesta... (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Assim como Ronaldo Fenômeno (1998), Zico e Romário (2003) foram apontados pela mídia como os heróis de seus tempos, tipicamente brasileiros, segundo Helal, Neymar foi o herói ousado, malandro, habilidoso, técnico e cheio de raça da Copa das Confederações 2013 para o *Globoesporte.com*.

Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes “heróis” são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, uma cultura se expressa e se revela (HELAL e MURAD, 1995, *apud* HELAL, 1998, p. 8).

Ainda de acordo com as narrativas do *Globoesporte.com*, pudemos, após a análise, identificar o personagem Neymar quanto à sua funcionalidade. Segundo Reis e Lopes (1988, *apud* MOTTA, 2005, p.98) a estrutura narrativa determina a funcionalidade das personagens, sendo reconhecidas pelo relevo, pela composição e pelo tipo. Assim, identificamos o Neymar das narrativas do portal como: protagonista, devido ao destaque dado a ele nas matérias; plana, uma vez que as características dadas a ele não sofrem alteração, e individual, já que o jogador se sobrepõe à Seleção.

Seguindo as orientações de Motta (2005), a análise do terceiro movimento da narrativa jornalística não foi feita de forma psicológica, uma vez que deixamos bem claro que o Neymar analisado aqui era apenas uma construção do narrador. Motta (2005, p. 102), citando Mesquita (2002), diz que a

personagem representa uma pessoa com existência real. A pessoa real é sempre irredutível às narrativas que se contam a seu respeito. Sucede, continua ele, em regra, dessa pessoa sabemos apenas a *personagem* que os mídia nos devolvem. Os receptores do jornalismo conhecem as figuras públicas e do espetáculo através de fragmentos que delas veicula o jornalismo. A mídia constrói personagens de acordo com seus critérios jornalísticos e de verossimilhança.

4.3.3 4º Movimento

Como já abordamos anteriormente, quem narra tem alguma intenção ao narrar. Não há narrativa sem algum intuito por trás, principalmente a jornalística, que busca a produção de efeitos de sentido nos seus destinatários. É por meio da narração, utilizando a estratégia narrativa, que o narrador consegue solicitar do seu leitor uma interpretação desejada. “O que o jornalista quer significar”, diz Motta (2005, p. 107), “e a interpretação do significado pelo destinatário coincidem exatamente ou na sua essência” (MOTTA, 2005, p. 107). Para isso, utiliza-se do discurso subjetivo e objetivo.

No caso do discurso subjetivo, este é caracterizado pela presença de um narrador na história, quer seja implícita ou explicitamente. Já no discurso narrativo objetivo,

mais utilizado no jornalismo, o narrador procura se distanciar. Como sugere Motta (2005, p.104), ele “narra como se a verdade estivesse ‘lá fora’, nos objetos, independente da intervenção do narrador: dissimula sua fala como se ninguém estivesse por trás da narração”. Tal característica acontece já que no jornalismo deseja-se mostrar os fatos como eles realmente acontecem, porém sabemos que isso não é possível. Sempre haverá alguém contando uma versão da história. O jornalista, segundo Motta (2005, p. 104),

é, por natureza, um narrador discreto. O jornalista utiliza recursos de linguagens que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar a sua mediação. É um narrador que nega até o limite a narração. Finge que não narra, apaga a sua presença. Os fatos surgem no horizonte como se estivessem falando por si próprios.

Ainda que trabalhe dessa maneira, tentando se esconder, o narrador busca, no discurso narrativo jornalístico, uma maior aproximação com o leitor. Para isso, utilizam-se recursos narrativos. Em algumas matérias identificamos tal recurso em maior ou menor quantidade. Em textos mais pesados, como da editoria de política ou economia, o caráter narrativo é utilizado para deixá-los mais leves e mais compreensíveis. Já no caso do jornalismo esportivo, a presença é bem mais notória, uma vez que esse é o estilo proposto pela editoria. É a questão do efeito de sentido que causará no leitor com as narrativas contadas a emoção, a alegria, a compaixão, etc. Esse aspecto é algo que está entranhado no jornalismo esportivo, já faz parte dele.

O caráter narrativo é um recurso que vai sendo utilizado pelo narrador conforme sua intenção, que se completa com a interpretação do leitor. Como coloca Motta (2005, p.105), o “texto é um conjunto de instruções que o leitor recria de modo ativo. O texto só se torna obra com a interação entre ele e o receptor”. Dessa forma, identificamos que a narrativa jornalística passeia entre o objetivo e subjetivo, no efeito do real e outros efeitos de sentido, que vão sendo mais ou menos enfatizados conforme desejado. Conclui Motta (2005, p. 105 e 106), que a linguagem

jornalística é um permanente jogo entre as intenções do jornalista e as interpretações do receptor. É polissêmica, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação, descrição fática e narração metafórica, realia e poética, premissas mais verossímeis (*eikos*) ou menos verossímeis (*éndoxon*), *logos* e *mythos*.

O que a análise propõe é identificar as estratégias que são usadas pelo narrador no decorrer da narrativa, buscando os indícios dos efeitos de real e dos efeitos poéticos e simbólicos.

a) Efeitos de Real

Utilizando-se das estratégias visando os efeitos de real, o narrador busca afirmar a veracidade das informações repassadas para seu destinatário. É uma das estratégias mais importantes, pois, assim, sugerem aos leitores que os fatos narrados são reais. O narrador alcança esse efeito ao usar recursos de linguagem que fixem a narrativa no tempo, no aqui e no agora, fazendo com que ela pareça ser objetiva, verossímil e factual. Assim, diz Motta (2005, p. 106), é “da atualidade que ele organiza as histórias como sucessão. O passado e o futuro tendem a perder força, a amenizar-se: tudo gira em torno do hoje, do aqui, do agora, do ao vivo e do *on-line*”. O “efeito de real” é buscado na utilização frequente de expressões que situem e que marquem onde e quando o acontecimento se dá.

No caso da narrativa do *Globoesporte.com*, identificamos diversas expressões que buscam o efeito de real. A expressão “novamente” empregada pelo narrador no título “Eleito ‘o cara’ do jogo novamente, Neymar admite favoritismo do Brasil” carrega um significado importante, pois sugere a interpretação do leitor de que aquele fato está se repetindo, além de fixar o fato e mostrá-lo como algo verdadeiro. Retomemos o que nos diz Motta (2005, p.69) sobre a sintaxe, ou seja, o sistema linguístico responsável pela estrutura da narrativa, que

se constrói através do uso frequente de advérbios de tempo [...]. Observe-se que alguma dessas expressões não indicam apenas a mudança cronológica, mas também o encadeamento lógico na medida em que pressupõem um conteúdo de subordinação que é o ponto de partida. É tão importante o evento que a oração principal relata quanto as circunstâncias anteriores ocorridas ou as posteriores que se espera venham a ocorrer.

Tais expressões não são utilizadas por caso. O narrador as emprega na construção de sua narrativa com a intenção de dar credibilidade ao fato narrado. No caso dos jogos, o *Globoesporte.com* busca situar o leitor de onde, quando e como cada partida aconteceu ou irá acontecer. Essa identificação, como já sugere Motta (2005, p.

108), “localiza, situa, transmite a ideia de precisão, causa a impressão de que o narrador fala de coisas verídicas, realisticamente situadas”, como no trecho:

Na próxima quarta-feira, no Mineirão, em Belo Horizonte, o Brasil vai disputar as semifinais da Copa das Confederações. O adversário sairá do Grupo B, que tem Espanha, Uruguai, Taiti e Nigéria. O time da Oceania já está eliminado. O confronto será transmitido ao vivo pela TV Globo, Sportv e GLOBOESPORTE.COM. O site também acompanha em Tempo Real. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

O uso dessas expressões são importantes, pois mostra confiabilidade sobre tempo e espaço do acontecimento jornalístico, além de apontar quem está falando, onde, a quem ela se dirige e sobre quem ela fala.

Com relação às citações que são colocadas nas narrativas, o narrador tem a intenção de se distanciar e de mostrar que outra pessoa deu determinada declaração sem intervenção do jornalista. Porém, é importante ressaltar, que quem selecionada o trecho da fala da personagem x ou y é o próprio narrador, buscando momentos em que se torna evidente o assunto sobre o qual ele quer ressaltar. Para Motta (2005, p. 108), as citações

encobrem muito bem a subjetividade porque o leitor supõe que elas reproduzem literalmente o que a fonte disse e quis destacar. As citações produzem a sensação de uma proximidade entre a fonte e o leitor. Dissimula a mediação.

Ou seja, ao abordar determinada fala do técnico Felipão durante uma coletiva, o narrador selecionou de todos os assuntos mencionados aqueles que eram mais indispensáveis para a construção do personagem e transformou em citação para dar a ideia de que Felipão falou exatamente aquilo, como no trecho da matéria:

- O Neymar é um jogador que nós todos sabemos que é um dos três melhores do mundo, e com 21 anos. É fantástico. Ele vem jogando assim ao longo dos anos. Agora é a época de ele mostrar na Copa das Confederações, e depois na Copa, toda a qualidade que demonstrou no Santos. Ele está acrescentando. É mérito de quem trabalhou com o Neymar - afirmou. (GLOBOESPORTE.COM, 2013)

Na busca para alcançar os efeitos de real, segundo Motta (2005), o narrador também faz uso de números e estatísticas. Durante toda a trajetória, o *Globoesporte.com* abordou em suas narrativas dados sobre os jogos, a quantidade de gols de Neymar, qual marca ele ultrapassou, etc.

b) Efeitos poéticos e simbólicos

Por meio do discurso subjetivo, o jornalista pode despertar no destinatário diversos tipos de emoções. Motta (2005, p.110) afirma que o drama pertencente à linguagem jornalística é algo natural, sendo sua retórica tão rica quanto à literária. A subjetividade por trás do jornalismo esportivo é algo inevitável, já que ramo pede um tipo de texto mais emocional e criativo, e a busca pelo efeito poético e simbólico é o que guia a construção de heróis, vilões, mocinhos e bandidos nas narrativas, pois de modo intencional ou não, diz Motta (2005, p. 110),

geram nos leitores inúmeros efeitos de sentido poéticos e simbólicos. Esses efeitos catárticos subjetivos remetem os receptores a estados de espírito diversos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas.

Nas narrativas do *Globoesporte.com* analisadas, o narrador busca o toque emocional e simbólico justamente ao exaltar os feitos do personagem durante todos os jogos, destacando os elogios de “fantástico” vindos de Felipão, principalmente na final contra a Espanha. Utilizando-se de diversas figuras de linguagem, o narrador comparou as jogadas e divididas com os encontros – quase duelos, de tanta subjetividade – que aconteceriam mais a frente, entre Barcelona e Real Madrid⁸. O portal transformou a narrativa num baile de tourada, no qual o grande Neymar fez os jogadores espanhóis ficarem pequenos. Marra, baile, dribles e atuação de gala.

Sem gracinhas, Neymar disse na vitória por 3 a 0 sobre a Espanha que esse é o Brasil, disse que aqui é o Brasil, e de quebra ainda se apresentou aos futuros companheiros do Barcelona e rivais do Real Madrid. Neymar bailou, sim, mas com a bola rolando. Pobre Arbeloa! Poderia ter acabado no Maracanã seu tormento, mas o clássico entre os principais clubes da Espanha vai colocar o jovem mais vezes em seu caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁸ Muitos dos jogadores da Seleção da Espanha atuam no Barcelona ou Real Madrid, o que levaria a repetição dos encontros de Neymar com tais jogadores, seja como rival ou vestindo a mesma camisa.

Diante do estudo feito à luz da análise da narrativa jornalística, proposta por Motta (2005), nas matérias selecionadas, pudemos observar que o narrador utilizou-se de estratégias narrativas que o auxiliassem no trabalho efetivo de construção da imagem do personagem Neymar como herói na Copa das Confederações 2013.

O discurso utilizado pelo portal durante os jogos permitiu ao leitor a identificação com o jogador jovem, talentoso, dono de um futebol arte que há muito não se via, craque e humilde. Além da exaltação de características e ações da personagem, o portal buscou na produção dos efeitos poéticos e simbólicos dar uma carga mais dramática e vangloriosa à narrativa, objetivando a comoção do leitor com as histórias da personagem.

Ao lermos as matérias como uma só histórica, percebemos, também, que por trás da exaltação de características e de ações, o narrador estava construindo para o personagem Neymar uma trajetória semelhante com a que Joseph Campbell (1997) aborda para o típico herói: a convocação, as aventuras com obstáculos que aparentavam ser inultrapassáveis, o auxílio da figura experiente que fornece forças espetaculares para a continuação da jornada e retorno, como homem renovado, trazendo consigo a redenção e a glória para a torcida.

As características presentes na vida dos ídolos futebolísticos do esporte brasileiro, conforme abordam Helal, Soares e Lovisolo (2001), como a infância pobre, início de carreira difícil, a importância do talento em detrimento do esforço e treino, a malandragem, a genialidade, habilidade, técnica, inteligência, etc., também podem ser encontrados nas narrativas do *Globoesporte.com* quanto à construção do personagem Neymar. Para Helal (2001), ao estudar as narrativas sobre Romário e Zico, tais características são do que ele chama de “herói tipicamente brasileiro”, que pôde ser encontrada em Romário, assim como no Neymar construído durante a Copa das Confederações 2013 pelo portal.

A partir do momento em que o jogador supera sua fase de jejum, o narrador trabalha para construir a imagem em cima da volta da boa fase do jogador, aproveitando o fato de que ele fora recém-contratado pelo Barcelona. As eleições como melhor jogador em campo são repetidamente destacadas no intuito de validar a trajetória do

herói, que, pouco a pouco, foi vencendo as batalhas que lhe eram impostas, mostrando que o pretendente a herói pode realmente se tornar um, passando por encontros perigosos, sempre demonstrando sua capacidade, sua inteligência e sua habilidade (CAMPBELL, 1997).

Com isso, pudemos concluir como se deu o processo de construção de imagem de um personagem feita pela mídia, algo que acontece quando o universo esportivo identifica mais um talento que vai surgindo. Como mesmo abordou Campbell (1997), as histórias de heroísmos construídas pela mídia com as quais nos deparamos são sempre as mesmas, o que de fato acontece. Ainda que tenha suas particularidades, a diferença de época e de desempenho da Seleção, o papel desempenhado pela mídia é de sempre mostrar para o público o surgimento de um novo herói no nosso futebol, o que aconteceu com Romário, Zico, Ronaldo e Neymar. Mas é realmente disso que o espetáculo do futebol precisa para sobreviver: o surgimento de novas estrelas dentro dos gramados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. **A narrativa jornalística para além dos faits-divers**. Revista Lumina Facom/UFRJ, v. 3, n. 2, p. 69-91, Rio de Janeiro, 2000

BAL, Mieke, 2001, *apud* MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa literária**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

BREMOND, Claude, 1971, *apud* MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa literária**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

BYINGTON, Carlos, 1982, *apud* WITTER, José Sebastião. **Futebol – Um fenômeno universal do século XX**. Revista USP, n. 58, p. 161-168, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Associação Palas Athena, São Paulo, 1988.

_____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 1994.

FREIRE, Ana Isabel. **O espetáculo da idolatria na mídia: Neymar e as narrativas de heroísmo do *Globoesporte.com***. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2011.

_____; CHAGAS, Luciana. **A construção de um herói: Neymar e a Libertadores nas narrativas do *Globoesporte.com***. VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, XXXV Intercom. Fortaleza, 2012

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: Mitos, ídolos e heróis**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

HELAL, Ronaldo; MURAD, Maurício, 1995, *apud* GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: Mitos, ídolos e heróis**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

_____; _____, 1995, *apud* HELAL, Ronaldo. **Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói**. Motus Corporis (UGF), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998

HELAL, Ronaldo. **Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói**. Motus Corporis (UGF), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998

_____. **Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol**. In: INTERCOM - Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol, 1999. INTERCOM 1999. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999.

_____; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. **A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

_____. **Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário**. In: Pablo Alabarces. (Org.). *Futbologías, Fútbol, Identidad y Violencia en América Latina*. 1ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003, v. 1, p. 225-240.

_____. **As construções de narrativas de idolatria no futebol brasileiro**. Revista Alceu. Rio de Janeiro, 2003.

_____; Gastaldo, Édison. **Comunicação, futebol e cultura carioca: a integração por meio de rivalidades**. In: Cíntia Sanmartin Fernandes; João Maia; Micael Herschman. (Org.). *Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em cena*. 1ed. São Paulo: ANADARCO Editora, 2012, v. 1, p. 149-162.

MOURA, Vicente Higino. **A evolução do futebol através da ciência e da tecnologia**. XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / GT 27 - Esporte e Mídia. INTERCOM, 1997.

MORATO, Márcio Pereira; GIGLIO, Sérgio Settani; GOMES, Mariana Simões Pimentel. **A construção do ídolo no fenômeno futebol**. Motriz: Revista de Educação Física (Online), v. 17, p. 1-10, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa literária**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

_____. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro. 2005

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M, 1988, *apud* MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa literária**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

REUTER, Yves, 2002, *apud* MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa literária**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

RUBIO, Kátia, 2001, *apud* MORATO, Márcio Pereira; GIGLIO, Sérgio Settani; GOMES, Mariana Simões Pimentel. **A construção do ídolo no fenômeno futebol**. Motriz: Revista de Educação Física (Online), v. 17, p. 1-10, 2011.

WITTER, José Sebastião. **Futebol – Um fenômeno universal do século XX**. Revista USP, n. 58, p. 161-168, 2003.

WHITE, Hayden, 1981, *apud* ALBUQUERQUE, Afonso de. **A narrativa jornalística para além dos faits-divers**. Revista Lumina Facom/UFRJ, v. 3, n. 2, p. 69-91, Rio de Janeiro, 2000

Web

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/08/futebol-e-alegria-novo-brasil-ataca-forte-e-vence-os-estados-unidos.html> acessado em 10 de junho de 2015

<http://sportv.globo.com/site/programas/arena-sportv/noticia/2013/06/descobridor-de-neymar-zito-recordado-o-momento-me-encheu-os-olhos.html> acessado em 10 de junho de 2015

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/09/05/neymar-chegou-a-acertar-com-real-madrid-em-2006-diz-jornal.htm> acessado em 10 de junho de 2015

<http://santosfc.com.br/2015/03/ha-seis-anos-neymar-fazia-o-primeiro-gol-time-principal/> acessado em 10 de junho de 2015

<http://dados.museudofutebol.org.br/> acessado em 10 de junho de 2015

<http://futpedia.globo.com/> acessado em 10 de junho de 2015

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/estadio_pacaembu/historia/index.php?p=731 acessado em 10 de junho de 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=ES6uHLWS7xs> acessado em 10 de junho de 2015

<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp> acessado em 10 de junho de 2015

<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-maracana-ainda-e-o-maior-estadio-do-mundo> acessado em 10 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2010/12/cbf-oficializa-titulos-nacionais-em-cerimonia-com-presenca-de-pele.html> acessado em 10 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/2009/06/14/copa-das-confederacoes-conheca-a-historia-do-aperitivo-do-mundial/> acessado em 10 de junho de 2015

<http://blogs.diariodonordeste.com.br/diarionacopa/selecao-brasileira/historia-2001-franca-elimina-brasil-nas-semifinais-fatura-titulo-em-cima-do-japao-e-poe-fim-a-era-leao/> acessado em 10 de junho de 2015

<http://blogs.diariodonordeste.com.br/diarionacopa/selecao-brasileira/historia-2003-brasil-da-vexame-e-franca-e-campea-em-torneio-marcado-pela-morte-de-camarones/> acessado em 10 de junho de 2015

<http://esportes.terra.com.br/futebol/copadasconfederacoes/2009/interna/0,,OI3745953-EI13812,00-Tabelas+Fase+Grupos.html> acessado em 10 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/03/torcedor-provoca-com-faixa-em-genebra-ney-mar-pipoqueiro.html> acessado em 10 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/ney-mar-agra-dece-carinho-do-grupo-e-explica-pedido-pela-camisa-10.html> acessado em 10 de junho de 2015

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1165520-yahoo-faz-parceria-com-canal-de-esportes-no-brasil.shtml> acessado em 12 de junho de 2015

<http://www.robinhooficial.com.br/biografia/#!/surge-o-rei-da-pedalada> acessado em 12 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/15-06-2013/brasil-japao.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/eleito-melhor-em-campo-ney-mar-diz-que-individualidade-e-na-hora-certa.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/ney-mar-vira-maestro-e-brasil-tem-90-minutos-de-sintonia-com-torcida.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/19-06-2013/brasil-mexico.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/neymar-faz-diferenca-e-e-eleito-o-melhor-em-campo-pela-segunda-vez.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/felipao-chama-neymar-de-fantastico-e-o-coloca-entre-os-tres-melhores.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/22-06-2013/brasil-italia.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/neymar-e-eleito-pela-terceira-vez-consecutiva-o-melhor-do-jogo.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/felipao-volta-elogiar-neymar-e-diz-brasil-esta-preparado-para-semifinal.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/26-06-2013/brasil-uruguai.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/neymar-ignora-provocacao-de-lugano-nao-vai-me-atingir.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/neymar-queremos-cravar-nossos-nomes-na-historia-do-maracana.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/30-06-2013/brasil-espanha.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/neymar-e-eleito-o-melhor-do-torneio-julio-cesar-leva-luva-de-ouro.html> acessado em 15 de junho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/07/baile-golaco-inteligencia-e-cara-feia-prazer-espanha-este-e-neymar.html> acessado em 15 de junho de 2015